



Universidade de Aveiro
Ano 2010

Departamento de Ciências da Educação

**CLÁUDIA ANDREIA
LEAL VALENTE**

**PARTICIPAÇÃO ATRAVÉS DA ANIMAÇÃO
SOCIOCULTURAL:INTERVENÇÃO COM IDOSOS**



**CLÁUDIA ANDREIA
LEAL VALENTE**

**PARTICIPAÇÃO ATRAVÉS DA ANIMAÇÃO
SOCIOCULTURAL:INTERVENÇÃO COM IDOSOS**

Projecto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizado sob a orientação científica do Doutor António Maria Martins, Professor Auxiliar do Departamento de Ciências de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos idosos, que me ensinaram a encarar a vida sob outra perspectiva, na esperança de que as gerações futuras aprendam a respeitá-los e a valorizá-los como merecem.

o júri

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, professora auxiliar da Universidade de Aveiro.

Professora Doutora Esmeraldina Maria da Costa Veloso, professora auxiliar da Universidade do Minho.

Professor Doutor António Maria Martins, professor auxiliar da Universidade de Aveiro.

agradecimentos

Os meus agradecimentos vão para todos aqueles que me acompanharam no processo de realização deste trabalho no âmbito do mestrado. À minha mãe e à minha amiga de longa data e companheira de jornada Sandra Macedo pelo carinho, apoio e incentivo.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. António Maria Martins, pela sua disponibilidade e cooperação e pela riqueza das suas reflexões que partilhou comigo ao longo do trabalho, fazendo-me acreditar que seria capaz de o concretizar.

À Andrea, educadora social do Centro Infantil e Social de Cesar (CISC), pela sua ajuda preciosa.

Às crianças que participaram neste projecto e respectivas Educadoras de Infância.

Um obrigada muito especial aos idosos, autores deste trabalho, pois não foram apenas sujeitos de pesquisa mas intervenientes directos e protagonistas do projecto. Sem eles não teria sido possível!

Resta-me agradecer a todo o núcleo de recursos humanos do Centro Infantil e Social de Cesar (CISC), e agradecer especialmente à sua Presidente, Enfermeira Margarida Henriques, que me acolheu incondicionalmente no centro social e a todos os que, ficando no anonimato, também me ajudaram a concretizar este trabalho.

Os meus agradecimentos para com a empresa Pepim, Lda que financiou a oficina de pintura, a qual tem proporcionado momentos de lazer muito significativos para as idosas do CISC.

Uma última palavra de agradecimento ao Élio, que tanto me confortou com o seu amor nos momentos mais angustiantes da realização deste trabalho.

palavras-chave

Idosos, terceira idade, participação, intervenção comunitária, animação sociocultural

resumo

Actualmente, nas sociedades ocidentais, caracterizadas por um forte materialismo e uma crescente preocupação com a produtividade económica, a velhice é encarada como algo negativo, associado à diminuição das capacidades físicas e mentais, ao contrário dos povos antigos que viam a velhice como sinal de sabedoria e experiência.

Este é um trabalho que se debruça sobre um contexto cuja visibilidade educativa se caracteriza, muitas vezes, pela sua invisibilidade social – os centros de dia e lares para idosos. Foi a partir da reflexão teórica sobre a velhice nas sociedades contemporâneas e as implicações que se definem em torno da educação das gerações mais velhas, que se elaborou este trabalho.

A investigação realizada teve por objectivo analisar a realidade social de um grupo de 8 idosos entre os 70 e os 90 anos institucionalizados numa IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social). As técnicas de recolha de dados privilegiadas foram a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas. Alicerçado na investigação participativa e enquadrado nas técnicas da animação sociocultural o projecto de intervenção foi desenhado tendo em conta os problemas identificados pelos sujeitos ao nível da animação sociocultural.

Com este projecto de intervenção comunitária pretendemos promover a participação activa dos idosos por via da animação sociocultural, privilegiando os idosos como sujeitos co-construtores do mesmo.

keywords

elderly, 3rd age, participation, community intervention, social-cultural animation

abstract

Currently, in occidental societies, characterized by a strong materialism and a growing preoccupation with economic productivity, old age is seen as something negative, associated with decreased physical and mental abilities, unlike the ancients who saw old age as a sign of wisdom and experience.

This is a work that focuses on an educational context whose visibility is characterized often by its social invisibility – the day centers and nursing homes. It was from a theoretical reflection on old age in contemporary societies and the implications that are defined around the education of older generations, that we produced this work.

The research aimed to analyse the social reality of a group of eight elderly people between 70 and 90 years institutionalized in IPSS (Private Institution of Social Solidarity). The techniques of data collection were participant observation and semi-structured interviews. Grounded in participatory action research and framed in the techniques of social-cultural animation, the project was designed taking into account the problems identified by the subjects.

With this project of community intervention we intend to promote an active participation of the elderly, favoring them as co-constructors of it.

We believe we have contributed to the personal and social development of older people in order to improve their quality of life, increasing their self-esteem through the process of participation.

Índice geral

Índice geral.....	I
Índice de tabelas	III
Introdução.....	1
Capítulo I – Realidade Socioeducativa e Animação Sociocultural na Terceira Idade	5
1. Terceira Idade: Realidade Social e Educativa	6
2. A Animação Sociocultural na Terceira Idade	12
Capítulo II – Estratégias de Desenvolvimento do Projecto de Intervenção Comunitária.....	20
1. Procedimento Metodológico.....	21
1.1. Método: Investigação Participativa.....	22
1.2. Técnicas de Recolha e Tratamento de Dados	25
2. Diagnóstico	30
2.1. O Meio Envolvente	31
2.2. O Centro Infantil e Social de Cesar (CISC)	33
2.3. Os Participantes do Projecto	39
3. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	42
3.1 - Aspectos mais valorizados no centro social.....	43
3.2 - Importância do centro social para a sociedade	44
3.3 - Motivos que levam à frequência do centro social.....	46
3.4 - Articulação entre o centro social e a família/sociedade.....	47
3.5 - Perspectivas face à animação sociocultural no centro social.....	49
Capítulo III – Desenvolvimento do Projecto de Intervenção Comunitária	54
1. Objectivos do Projecto de Intervenção	55
2. Recursos.....	55
2.1 Recursos Humanos	56
2.2 Recursos Materiais.....	56
2.3 Recursos Financeiros	56
3. Execução do Projecto de Intervenção	57
4. Avaliação	64
4.1. Auto-estima	65

4.2. Relações Sociais	65
4.3. Divertimento	66
4.4. Desenvolvimento Pessoal	66
Reflexão Final.....	69
Bibliografia.....	74
Anexo I - Guião de Entrevista aos Utentes Idosos ..	Erro! Marcador não definido.
Anexo II - Guião de Entrevista às Técnicas do Centro Social .	Erro! Marcador não definido.
Anexo III - Termo de Consentimento.....	Erro! Marcador não definido.
Anexo IV - Grelha de Análise das Entrevistas (Técnicas e Idosos)	Erro! Marcador não definido.
Anexo V - Plano Anual de Actividades do CISC (Lar e Centro de Dia)	Erro! Marcador não definido.
Anexo VI - Projecto de Animação do CISC	Erro! Marcador não definido.
Anexo VII - Guião de Entrevista em Grupo (Idosos)	Erro! Marcador não definido.
Anexo VIII - Grelha de Análise das Entrevistas de Grupo (Idosos) .	Erro! Marcador não definido.
Anexo IX - Princípios das Nações Unidas para o Idoso	Erro! Marcador não definido.

Índice de tabelas

Tabela 1 – Valências e Capacidade de Utentes	35
Tabela 2 - Perfil Socio-Demográfico dos Idosos Entrevistados.....	39
Tabela 3 - Perfil Socio-Demográfico das Técnicas Entrevistadas.....	41

Introdução

De acordo com o Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas, do Ministério da Saúde emitido pela Direcção Geral de Saúde em 2004 o envelhecimento humano pode ser definido como “o processo de mudança progressivo da estrutura biológica, psicológica e social dos indivíduos que, iniciando-se mesmo antes do nascimento, se desenvolve ao longo da vida” (Ministério da Saúde, 2004).

Nesse mesmo documento refere-se que as alterações demográficas que se têm vindo a verificar neste último século, “traduzindo-se na inversão das pirâmides etárias” e “reflectindo o envelhecimento da população” colocam não apenas aos governos como às famílias e à sociedade em geral novos desafios que são da responsabilidade colectiva de todos nós, ou seja, são de “responsabilidade partilhada”. Para além disso, o envelhecimento e os fenómenos a ele associados têm uma “tradução significativa no desenvolvimento económico dos países”.

O envelhecimento é, pois, uma parte natural do ciclo da vida. Este fenómeno do envelhecimento da população é uma situação que tem vindo a preocupar os especialistas de todo o mundo. Esta situação está associada, principalmente nos países industrializados, ao desenvolvimento económico, ao decréscimo nas taxas de natalidade e aos grandes avanços tecnológicos e da medicina, que permitiram o aumento da longevidade e da esperança média de vida. “Nunca tantos viveram tanto”, como nos diz Adalberto Dias de Carvalho (2002:7).

No entanto, tal como o autor refere “a velhice (...) revela-se um privilégio dos mais abastados, daí que as sociedades dos países ricos estejam cada vez mais envelhecidas e a dos países pobres sejam maioritariamente jovens” (Carvalho, 2002:7).

De facto, nas últimas décadas, e sobretudo nos países desenvolvidos, onde os avanços tecnológicos são maiores, tem-se verificado um aumento considerável da população idosa e a tendência é para que o envelhecimento da população seja cada vez maior.

Entretanto, o autor alerta-nos também para o facto de nas sociedades industriais a velhice se revelar “como um factor potencial de exclusão” porque, nas

sociedades onde muito se preza o belo e o culto da imagem dificilmente se valoriza a velhice:

“(...)uma sociedade fortemente hedonista que cultiva a imagem e a vivência de um corpo saudável e belo a qualquer preço, dificilmente acolhe as marcas da deterioração e do sofrimento que a idade vai inevitavelmente imprimindo” (Carvalho, 2002:7).

Esta alteração demográfica tem implicações a nível social, político e económico, cujas repercussões conduzem inevitavelmente ao desenvolvimento de políticas que respondam às necessidades da população mais idosa que, sendo cada vez mais numerosa, será também cada vez mais exigente.

Assim, a velhice constitui-se como uma das áreas de intervenção da educação social que urge desenvolver, pois:

“(...)a velhice não tem de ser vivida dramaticamente como um fardo a suportar pela sociedade ou como uma inferioridade cívica a esconder pelo indivíduo ou pela comunidade (...) exige que, para ela, isso sim, se disponibilizem todos os recursos disponíveis – científicos, sociais e educativos – a fim de, nela, se assegurar o máximo de qualidade de vida (física, relacional e psicológica)” (Carvalho, 2002:8).

Foi neste sentido que desenhámos um projecto de intervenção comunitária dirigido para a terceira idade, tendo como principal objectivo promover a participação activa do idoso institucionalizado, tendo em vista o seu desenvolvimento pessoal e social.

A concretização do trabalho que agora se apresenta, baseou-se numa reflexão sustentada numa abordagem teórica sobre o envelhecimento e a realidade social da terceira idade, nomeadamente, sobre as políticas sociais e educativas para esta população específica.

O projecto surgiu das necessidades detectadas aquando da investigação, onde se estudou as necessidades dos idosos que frequentam o centro social, objecto deste estudo. A concepção do mesmo foi, então, baseada num estudo de diagnóstico, através do qual se procurou perceber as necessidades do contexto de intervenção. Nesta investigação, analisámos a satisfação dos utentes com o seu

modo de vida e com as actividades de animação sociocultural promovidas pelo centro social onde se encontravam inseridos. Os resultados obtidos apontaram para uma resignação comum, baseada em sentimentos de incapacidade e poucas expectativas de futuro por parte daqueles que sentem e vivem o problema.

Daí a necessidade de procurar uma alternativa, mediante um projecto de intervenção comunitária assente nos princípios da animação sociocultural com o objectivo de promover a participação activa do idoso institucionalizado, com vista ao seu desenvolvimento pessoal e social.

Desenvolvemos esta experiência no Centro Infantil e Social de Cesar (CISC), pertencente ao concelho de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro, com um grupo de 8 idosos. Para a elaboração da pesquisa utilizámos a abordagem qualitativa da investigação participativa, pelo facto de se adequar melhor aos propósitos do nosso estudo. Sobretudo porque “a investigação-acção participativa considera, em primeiro lugar, o investigador um sujeito entre sujeitos” e “reconhece, além do conhecimento científico tradicional, a forma de conhecimento que pode emergir da comunidade” onde “todos os participantes são sujeitos e objectos da pesquisa (Lima:2003, 342/343).

O trabalho que apresentamos encontra-se, assim, do ponto de vista estrutural, organizado em três capítulos. O primeiro enquadra a revisão bibliográfica sobre a problemática em estudo que serviu de mote para a concretização deste projecto. Assim, neste capítulo reflectimos sobre dois temas centrais: o envelhecimento demográfico e as repercussões do mesmo ao nível socioeducativo e as perspectivas de vários autores sobre as finalidades e objectivos da animação sociocultural na terceira idade.

No segundo capítulo começamos, num primeiro ponto, por apresentar a metodologia utilizada, bem como os procedimentos metodológicos e as técnicas aplicadas para recolha de informação: a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Num segundo ponto, caracterizamos o contexto e os seus participantes e no terceiro ponto, apresentamos a análise dos dados recolhidos durante a investigação.

No terceiro capítulo, definimos os objectivos, os recursos, apresentamos a calendarização e descrevemos as actividades desenvolvidas ao longo do projecto. A

avaliação, “necessariamente interpretativa” e que deve responder às preocupações e necessidades dos envolvidos (Lima:2003,359), é apresentada por último.

“A educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996). Por isso, no final deste trabalho, fazemos uma reflexão sobre a contribuição do projecto de intervenção para a Educação Social e tecemos algumas considerações finais que julgamos pertinentes.

Capítulo I – Realidade Socioeducativa e Animação Sociocultural na Terceira Idade

1. Terceira Idade: Realidade Social e Educativa

O projecto desenvolvido e que agora se apresenta partiu de uma reflexão teórica sobre a temática da terceira idade. “A sociedade contemporânea convive mal com a velhice” (Carvalho, 2002:7). De facto, o aumento da percentagem de gerações mais velhas na população global, em ritmos e dimensões nunca anteriormente observados é um fenómeno social que obriga à reflexão de todos.

“Em tempos, atingir a velhice era um privilégio de poucos, que conferia à pessoa idosa o estatuto do respeito e consideração” (Grave, 2008:15). Porém, em Portugal verifica-se que a proporção de pessoas com 65 ou mais anos duplicou nos últimos 40 anos e estima-se que esta proporção volte a duplicar nos próximos 50 anos. Nos últimos anos, o índice de envelhecimento reflecte bem o envelhecimento da população: em 1990, por cada 100 jovens, residiam em Portugal 68 idosos; em 2006 este valor é de 112 idosos por cada 100 jovens (INE, 2007).

Lima (2004) diz-nos que “no passado, apenas uma porção de pessoas atingia os 65 anos, ao invés, na actualidade, a maioria de nós espera atingir a idade avançada”, daí os franceses optarem pela designação “troisième âge” (terceira idade), uma vez que essa fase representa um terço do seu tempo de vida. Perante este envelhecimento progressivo, a sociedade confronta-se com a necessidade de se criarem condições para acolher um número cada vez maior de idosos, os quais são vistos, muitas vezes de forma estereotipada, como inúteis, antiquados, dementes e depressivos. Ainda que a opinião pública venha a ser sensibilizada e alertada para estas questões nos discursos sociais e políticos, a verdade é que a sociedade ocidental tem tendência para estereotipar a velhice desqualificando-a.

“Podemos observar spots com idosos desportivos depois de beberem leite e caras belas, embora mais velhas, depois da utilização de um determinado creme. Porém, o discurso predominante em relação aos adultos que têm uma idade avançada continua a ser desprestigiante e caracterizado pela referência à perda” (Lima, 2004: 134).

Em relação a esta última acrescentamos que “a perda dos amigos, dos papéis sociais, do rendimento e da saúde”, são apontados em estudos psiquiátricos sobre a

terceira idade, como “a maior fonte de perturbação e distress” nesta idade (Pfeiffer:1997, citado em Lima, 2004, 134).

Por oposição, em épocas remotas, muitas civilizações consideravam e reconheciam o idoso como uma figura respeitável. A longevidade de vida era respeitada e honrada e o idoso tinha um papel importante na sociedade. Daí que, antigamente, os feiticeiros e os sacerdotes eram os mais velhos, porque assumiam o papel de detentores do saber, da experiência e da memória. Nos povos primitivos, os responsáveis pelos papéis políticos mais importantes eram os idosos, sendo também esse facto justificado pela sua sabedoria e experiência (Minois, 1999: 23). No mundo hebraico, os idosos eram considerados os chefes do povo. Moisés, segundo os escritos do Antigo Testamento, só tomava decisões depois de consultar os anciãos, que eram “portadores do espírito divino, investidos de uma missão sagrada e guias do povo” (Idem:44).

Também Sócrates, famoso filósofo grego, referiu-se ao envelhecimento como algo que não constituía peso algum para os seres humanos prudentes. Pelo contrário, defendia as vantagens de se ser idoso. Também na Idade Média, os intelectuais não demonstravam grande atenção pela velhice, pois o aspecto físico não tinha, para eles, qualquer significado. “O verdadeiro velho é o mais sábio, qualquer que seja a sua idade” (Minois, 1999:172). Para os antigos filósofos o saber envelhecer não devia estar ligado ao físico, pois todas as idades tinham as suas virtudes. Uma velhice feliz ia buscar ao social a sua razão de ser.

Em suma, no passado, os idosos assumiam um papel de prestígio, autoridade e honra na sociedade. A velhice era vista como a soma de todas as virtudes, numa época em que poucos seres humanos tinham o prazer de chegar a essa fase da vida.

Actualmente, devido aos avanços da medicina que possibilitam uma maior longevidade de vida, o aumento da percentagem de gerações mais velhas na população global é um fenómeno com tendência a generalizar-se, o que nos obriga a reflectir sobre questões com importância crescente como a idade da reforma, os meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade, a ocupação de tempos livres e de lazer, entre outros.

A propósito desta reflexão, parece-nos pertinente fazer uma breve contextualização histórica, acerca do modo como a questão da velhice tem vindo a ser tratada, em Portugal.

Como apontam os estudos de Esmeraldina Veloso (2004), até ao século XX, existiu aquilo que se designou de velhice oculta, uma vez que o problema da subsistência e do apoio aos idosos era exclusivamente da responsabilidade da família. Porém, como nem todos os idosos tinham família, nem meios de subsistência próprios, foram incluídos numa subcategoria caracterizada de “pobres incapazes de promover o seu sustento”, mendigando e necessitando de apoio das instituições de beneficência.

Durante o século XIX, foram feitas várias tentativas de criação de instituições de aposentação para os trabalhadores assalariados, mas sem sucesso. Foi apenas depois de instituída a República que se tentou implementar uma medida legal para estabelecer os seguros sociais obrigatórios. Porém, mais uma vez, esta política não resultou devido à insuficiente informação e falta de conhecimento, relativamente a factores como a realidade portuguesa, as necessidades da população, os custos de implementação, a situação económica portuguesa...

Até ao Estado Novo, os idosos não tinham direito a qualquer tipo de protecção social, não lhes era reconhecido nenhum direito de cidadania, devido ao seu estatuto de “vadios” ou “mendigos”. O Estado ainda tentou intervir criando asilos e permitindo a mendicância, contudo, a protecção social da altura revelava-se muito insuficiente e injusta.

Mais tarde, já “nos finais dos anos 60 surgem as primeiras valências de centros de dia, um equipamento aberto, meio caminho entre o domicílio e o internamento, e ao mesmo tempo local de tratamento e prevenção” (Jacob, 2008:17), mas a criação de uma política para a terceira idade só é consagrada, pela primeira vez, na Constituição da República de 1976, verificando-se uma ruptura com as antigas formas de tratar e representar a velhice. A partir desta declaração, subentende-se o que deveria ser esta nova política: pretendia-se um corte com a velhice dos asilos, corte esse traduzido na proposta de inserir e promover a participação dos idosos na comunidade, mantendo-os no seu domicílio o maior tempo possível. A própria designação de terceira idade parece sugerir uma diferença

na representação da velhice, dando-lhe uma conotação menos pejorativa. Esta nova política, baseada na manutenção dos idosos no seu domicílio, foi implementada através da criação de centros de dia, do apoio domiciliário, de centros de convívio e da alteração dos asilos em lares.

O período compreendido entre 1980 e 1985 caracterizou-se por uma elevada produtividade de medidas legislativas sobre segurança social. Num período curto de tempo, observou-se um expansivo crescimento do número de pensionistas, devido a um conjunto de medidas adoptadas que lhes atribuiu o estatuto de reformados, permitindo, desta forma, a visibilidade de uma faixa etária, pelo menos em termos quantitativos que, sem esta legislação, estava impedida de ter acesso à reforma. É de referir que, só por esta altura, os idosos/reformados começam a ter alguma expressão numérica e visibilidade social, passando-se, desta forma, de uma “velhice oculta” a uma “velhice identificada” (Veloso, 2004).

Acredita-se, todavia, que este processo, de constituição e generalização dos sistemas de reforma, foi um dos factores importantes e condicionantes, para que a velhice comesse a ser encarada como um problema social, um grupo homogéneo e uma categoria autónoma.

Ao longo dos tempos, vários foram os estereótipos criados sobre a velhice. Entenda-se estereótipo como um “padrão”, uma opinião formada, uma “generalização” e simplificação de crenças acerca de um grupo de indivíduos ou de objectos, podendo ser de natureza positiva ou negativa.

A velhice também sempre foi e, ainda é, sujeita à rejeição e à rotulagem. Desenvolvem-se comportamentos contraproducentes relativamente às características individuais, com traços negativos, que são atribuídos a todos os indivíduos desse grupo. Dando como exemplo a palavra “velhote”, esta descreve os sentimentos ou preconceitos resultantes de concepções acerca dos idosos. Os preconceitos envolvem usualmente crenças, de que o envelhecimento torna as pessoas caducas, apáticas, frágeis e desnecessárias.

Já o termo “terceira idade”, por exemplo, pode ser visto como um rótulo socioeconómico. No “mundo civilizado” de hoje, a velhice tende a ser considerada como uma doença irremediável, como uma decadência inevitável, que está destinada ao insucesso.

De um modo geral, distinguem-se, nos discursos predominantes sobre a velhice, dois grandes conjuntos de representações. De um lado, os discursos da velhice negativa, onde se destacam, fundamentalmente, as situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência. Esta visão da velhice pressupõe que a partir de determinada etapa do ciclo de vida coexistimos todos, inevitavelmente, num espaço social indefinido, não organizado, sem integração ou oportunidades. Contrariando estas imagens, destacam-se os discursos dirigidos aos «menos jovens», que não se enquadram no modelo anterior. Neste âmbito, a velhice é associada de forma apelativa a designações positivas que a projectam num tempo de lazer, de liberdade e de auto-aperfeiçoamento — são exemplo disto expressões como: «universidade da terceira idade», «turismo sénior», etc.

Estas representações, consolidadas ao longo da década de 90, foram reforçadas em Abril de 2002, aquando da realização da 2.^a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovida pela ONU, que teve lugar em Madrid. Desta Assembleia, sobressaiu a ideia de que é urgente promover a integração social e laboral dos idosos, através da implementação de medidas que facilitem o acesso dos mesmos, principalmente dos mais vulneráveis, às actividades culturais e recreativas. O fomento de solidariedades inter-geracionais tanto no seio da própria família como em diversos contextos específicos da sociedade, revela-se também um requisito imperioso, até porque seria um grande erro a sociedade ignorar “o inestimável contributo de uma população que dispõe de tempo e de um saber amadurecido em anos de experiência” (Carvalho e Baptista, 2004: 68).

É imperativo repensar a velhice a partir da determinação de uma idade social, e não de uma idade cronológica. Neste sentido vão também as directrizes desenvolvidas nos diversos documentos das Nações Unidas, os quais, em linhas gerais, propõem a elaboração de princípios evolutivos da velhice que equacionem uma espécie de patamar médio de bem-estar físico, social e mental dos idosos.

Em Portugal, mais de metade da população com 65 ou mais anos, encontra-se nos patamares da velhice pobre e da velhice precária. São pessoas que possuem baixos rendimentos, uma qualificação escolar deficitária e níveis de consumo elementares. Torna-se, portanto, mais difícil o seu acesso a bens culturais. Apenas uma pequena percentagem das pessoas idosas possuem conforto, estabilidade,

escolaridade média e apresentam um forte volume de práticas culturais (Veloso, 2004).

A velhice constitui-se, pois, como uma etapa normal da existência, uma nova fase do ciclo de vida e que, para muitos, se inicia com a entrada na aposentação. A obrigatoriedade à reforma, aos 65 anos, é uma razão política e económica e o vínculo entre a idade cronológica e a reforma ou inactividade é insustentável. Este pressuposto de que a terceira idade se inicia aos 65 anos surge em função da elaboração de políticas sociais e de estudos demográficos que estratificam a nossa sociedade, estabelecendo limites cronológicos.

O ciclo de transição da vida do trabalho, que ocupou longo período da existência, para uma “nova” condição de vida, depois da reforma, é um processo social com novas exigências:

“(...) negociar a transição do trabalho e do emprego e edificar um quadro de vida incentivador de desenvolvimento humano são as duas tarefas socialmente relevantes a que a estrutura social e cultural das nossas sociedades não tem provido de respostas institucionais adequadas” (Esteves, 1994: 119).

Face a tal situação, revemo-nos nas palavras do autor quando diz que devemos encontrar soluções “propiciadoras de sentido humano para a vida”. O enfraquecimento de certas aptidões físicas pode ser compensado com a riqueza de “bagagem” relacionada com os anos de experiência. Negar às pessoas mais velhas o direito ao trabalho, é negar-lhes o direito a uma plena integração na sociedade e essa negação de oportunidades é uma forma de discriminação.

Torna-se urgente acabar com concepções de que idade cronológica é sinónimo de uma situação física, mental e social débil. Não podemos olhar para as pessoas de idade avançada como se fizessem parte de um grupo homogéneo, todas com as mesmas características. Trata-se, pois, de um conjunto de indivíduos muito diferentes uns dos outros, com especificidades muito próprias.

Há pessoas idosas que vêem este estágio, de aposentação, como o tempo de procurar interesses e actividades que tiveram de ser postos de lado, durante os anos de maior integração social. Por isso, é importante referir que, muitos idosos continuam a ser activos em campos relacionados com seus interesses, outros

cultivam diferentes interesses e começam a dedicar-se a actividades para as quais não encontravam tempo anteriormente. Alguns transformam-se em alunos muito capazes e competentes e a velhice pode, assim, caracterizar-se por um “estado de espírito”.

De facto, a sociedade civil, perante o envelhecimento demográfico a que se assiste, tem vindo a organizar-se de forma a encontrar novas respostas para a apoiar esta população. A maioria das respostas é dada pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social. Segundo Jacob (2008: 16) “em 1974 estavam registados 154 lares não lucrativos e 39 lucrativos, existindo em 2000, 769 lares sob gestão das IPSS.” Verificamos, então, que essa resposta tem aumentado de forma gradual ao longo dos tempos. Nos anos 60, surgiram os primeiros Centros de Dia e Centros de Convívio. Mais tarde, já nos anos 80 surgem os Serviços do Apoio ao Domicílio (SAD) e já nos anos 90, surge o Acolhimento Familiar de Idosos. No entanto, segundo Jacob (Idem:17) esta resposta social “que prevê o acolhimento em casa de famílias idóneas, de idosos que necessitam de apoio”, não tem tido grande expressividade dada a “dificuldade em angariar famílias” que possam estar interessadas em prestar este apoio.

Uma nova resposta social, surge com as Universidades da Terceira Idade ou, também denominadas Universidades Seniores. Apesar das primeiras terem nascido nos anos 70 em Portugal, só no início do século XXI ganharam maior expressão. Para o autor a universidade sénior “é uma resposta social, que visa criar e dinamizar regularmente actividades culturais, sociais, educacionais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos, em regime não formal e sem fins de certificação” (Idem:18).

2. A Animação Sociocultural na Terceira Idade

A Animação Sociocultural (ASC) é uma área relativamente nova no campo das ciências sociais. Somente há algumas décadas que se estuda e considera a animação sociocultural como um meio “relevante para o aperfeiçoamento da qualidade de vida dos cidadãos e como uma ferramenta privilegiada para a *mudança*

social” (Serrano, 1997:101). A definição do conceito continua vasta e pouco consensual, sendo encarada de diferentes formas consoante a área de intervenção ou o público a que se destina.

Ezequiel Ander-Egg caracteriza a Animação Sociocultural como:

“un conjunto de técnicas sociales que, basadas en una pedagogía participativa, tiene por finalidad promover prácticas y actividades voluntarias que con la participación activa de la gente, se desarrollan en el seno de un grupo o comunidad determinada, y se manifiestan en los diferentes ámbitos de las actividades socioculturales que procuran el desarrollo de la calidad de vida” (Ander-Egg, 2001:100).

Desde as suas origens que a ASC tentou associar-se a noções tais como: criatividade, emancipação, solidariedade, participação... Ela surge como um “referente de mudanças possíveis e necessárias na sociedade” com fronteiras explícitas e bem definidas (Gómez, 1997:45).

Para Viché, a Animação Sociocultural “pode ser vista como uma intervenção dialéctica dos indivíduos e dos grupos com o seu meio e sobre si mesmo, contribuindo para uma melhoria na qualidade de vida” (Jacob, 2008, citando Viché, 1989).

Em Portugal a Animação Sociocultural “atingiu a sua máxima expressão na segunda metade da década de 70, depois da revolução do 25 de Abril. Contudo, os seus antecedentes remontam aos tempos longínquos da 1ª República (10910/1926), prolongando-se pela ditadura militar e pelo Estado Novo (1926/1974)” (Lopes, 2008:95).

É imperativo que se comece, desde bem cedo, a pensar, reflectir e educar para a velhice. Deve-se conscientizar os mais novos para observarem o envelhecimento sob uma perspectiva positiva, aprendendo a valorizar as pessoas mais velhas, as suas experiências e vivências, a sua cultura e, sobretudo, a sua utilidade para a sociedade.

Deste ponto de vista, a ASC apareceu com a finalidade principal de fomentar atitudes de participação activa dos indivíduos, no processo do seu próprio desenvolvimento, quer social quer cultural. Partindo de uma concepção antropológico-cultural, concernente a conhecimentos, valores, tradições, costumes,

procedimentos e técnicas, normas e formas de relacionamento, que se transmitem através da aprendizagem em sociedade, a ASC surgiu como resultado de uma sucessão de mutações políticas, sociais e económicas (Osório, 1997).

Todavia, apesar de ser um poderosíssimo instrumento, vital para a convivência e participação, apresentando uma dimensão sociológica, pedagógica, comunitária e terapêutica, a Animação Sociocultural não consegue responder às necessidades de todas as pessoas idosas. Todos sabemos que se torna mais difícil para quem é vítima de pobreza, de pouca qualificação escolar, o acesso a instituições que adoptam essa prática.

Tal como emergiu um novo paradigma da infância, que defende a participação activa das crianças, parece pertinente que comecemos, desde já, a construir bases sólidas para a implementação de um novo modelo de “velhice”. Tal modelo deverá contemplar um maior protagonismo e uma maior participação das pessoas idosas na sociedade, romper, de vez, com as concepções negativas de base cronológica, defender políticas que incluam as pessoas na sociedade, mesmo depois de aposentadas, respeitar as diferenças sociais, económicas, culturais, geográficas, de género e acima de tudo, olhar para as pessoas idosas como pessoas que são e que se encontram, apenas, num estágio diferente do ciclo existencial.

Deste modo, “a prática da animação sociocultural tem a missão de criar uma nova imagem cultural alternativa à visão negativa do envelhecimento” (Osório, 1997: 262). O autor defende que as principais funções da Animação Sociocultural na terceira idade são transformar os idosos em protagonistas do seu próprio desenvolvimento, gerar processos de participação, criar espaços para a comunicação entre as pessoas e estimular os processos de desenvolvimento social e cultural. O mesmo autor menciona que os principais objectivos da ASC na terceira idade são: estimular a educação e a formação; desenvolver atitudes; possibilitar a realização pessoal e conseguir uma maior e mais efectiva integração da pessoa idosa.

Na realidade, muitas pessoas idosas vêem-se obrigadas a mudar de espaço, por falta de alternativa, optando pela entrada num lar. A respeito desta situação,

Osório (Idem:257) afirma que “de acordo com diversos estudos (...) optar por um lar não parece ser a solução mais desejada”.

Nesta medida, seria prioritária a integração dos idosos, o máximo de tempo possível, no meio social habitual, uma vez que os idosos preferem viver com os filhos ou netos, com os seus cônjuges, sozinhos ou viver por temporadas em casa dos filhos. No entanto, nem sempre esta situação é possível ou desejável. Por isso, a solução, por vezes única, é viver num lar.

A este propósito, Oliveira (2008:80) lembra-nos que “apesar da importância da família, muitas vezes torna-se imperioso colocar o idoso numa instituição (lar) ou porque a família não existe ou porque não consegue lidar mais com a situação ou por outras razões.” De qualquer modo o desenraizamento do idoso torna-se doloroso tanto para ele como para a família que nutre muitas vezes sentimentos de culpabilização.

Em contrapartida, o mesmo autor refere vários estudos (como os de Bee, 1997; Cavanaugh, 1998 e Phillipson, 1997) que mostram que “frequentemente os idosos, particularmente os não casados, sentem-se melhor e mais satisfeitos na presença dos amigos do que na companhia dos próprios familiares”, partilhando com eles memórias do passado e da infância.

Para Agustin Requejo Osório (1997: 258), os principais objectivos socioeducativos dos lares são: (i) desenvolver programas de animação sociocultural dirigidos e supervisionados por profissionais; (ii) favorecer boas relações sociais entre todos os intervenientes do processo; (iii) impulsionar contactos das pessoas idosas com o exterior; (iv) estimular, com reforços positivos, o exercício dos conhecimentos e experiências dos residentes; (v) favorecer a criatividade e a expressão corporal, através de exercícios físicos.

Assim, os lares devem ser espaços de animação sociocultural, geradores de convivência, participação e integração da pessoa idosa e os programas desenvolvidos devem ter em conta os aspectos cultural, psicossocial, socioeducativo e terapêutico, podendo as actividades ter um carácter lúdico, intelectual, psicológico, físico, social, de destreza manual ou outro. Neste sentido, interrogamo-nos se estas práticas serão tidas em consideração nas instituições que acolhem idosos e se vão ao encontro dos interesses destes.

A ASC nesta faixa etária surge da necessidade de se programarem actividades para a terceira idade, resultando daqui uma procura cada vez maior de profissionais ligados a esta área que estejam preparados para enfrentar os desafios da população mais idosa. Muitos destes profissionais são denominados animadores geriátricos. Dado o aumento de lares e instituições para idosos temos assistido a um consequente aumento da necessidade de profissionais formados no âmbito da terceira idade. De acordo com Marcelino de Sousa Lopes, a Animação Sociocultural na terceira idade busca fundamento na gerontologia educativa.

“A gerontologia educativa começa a adquirir uma importância crescente no campo das ciências da educação como estratégia de intervenção na prevenção e compensação de situações de deterioração do corpo, provocada pelo avanço da idade. A Animação Sociocultural na terceira idade funda-se, portanto, nos princípios de uma gerontologia educativa, promotora de situações optimizantes e operativas, com vista a auxiliar as pessoas idosas a programar a evolução natural do seu envelhecimento, a promover-lhes novos interesses e novas actividades, que conduzam à manutenção da sua vitalidade física e mental, de perspectivar a Animação do seu tempo, que é, predominantemente, livre”.
(Lopes, 2008:329)

A Animação Sociocultural surge para dar resposta à ausência ou diminuição de actividades e relações sociais da pessoa idosa e encontra-se em expansão, destacando-se vários ramos de especialização, nomeadamente: a animação estimulativa, a animação ao domicílio, a animação turística para a terceira idade e a animação na instituição, como lares ou centros de dia (Idem:330). Debruçando-se sobre a animação estimulativa, o mesmo autor diz-nos que a mesma “recorre a uma metodologia que visa a que os idosos preservem a sua capacidade de interacção, acedam à participação na vida comunitária e à possibilidade de realização pessoal”. Esta modalidade de animação dirigida a pessoas com incapacidades físicas ou psíquicas, tem como objectivo desenvolver as capacidades ainda preservadas e tentar recuperar capacidades perdidas, utilizando estímulos do meio e capacidades próprias das pessoas para se readaptarem a novas situações, estimulando o ânimo e potenciando os processos de interacção através da estimulação da participação voluntária.

Quanto à animação ao domicílio Lopes (2008) diz-nos que o conceito “surge associado à necessidade de serem conferidos ao idoso sinais de afecto e de solidariedade” que passam pelo diálogo, pela procura e manutenção de laços sociais com o meio envolvente e com a necessidade de desenvolver a auto-estima. Para que esta não se perca, devemos estimular o idoso a executar as tarefas comuns da vida diária, reinserindo-o no meio social e restabelecendo laços com a comunidade através de partilha de experiências.

Lembra o autor que, neste ramo da animação sociocultural importa ter em atenção um conjunto de factores, destacando a mobilidade, o isolamento, a perda da auto-estima, a separação ou ausência da família, a desmotivação, a resignação, a ociosidade e a dependência televisiva. Assim, o autor defende que “a animação sociocultural ao domicílio deve ter como estratégia fundamental superar as limitações apresentadas, de maneira a não desqualificar os idosos e relegá-los para uma condição de cidadania menor” (Idem:332).

No entender de Luís Jacob (2008:22) “a animação nos nossos dias está no centro das prioridades de todas as estruturas de acolhimento de pessoas idosas, que tomaram consciência da sua importância enquanto elemento determinante da qualidade de vida em estabelecimentos e que se integra no projecto de vida de uma centro social, preservando a autonomia dos residentes”.

No entanto, no parecer de Marcelino de Sousa Lopes a situação está ainda longe do exposto anteriormente, uma vez que frequentemente:

“(…)vemos, ouvimos e lemos que, na sua esmagadora maioria, os lares públicos e privados são autênticos depósitos de pessoas possuidoras de sensibilidade, memória, de experiências e vivências, que se vêem relegadas para espaços que, em geral, não foram arquitectonicamente concebidos para o efeito e onde reina a frieza e a apatia. É aí que são, literalmente, despejados muitos idosos, e no tempo que lhes resta de vida é-lhes ministrada a morte lenta, através dessa coisa horrorosa que é matar o tempo.”(Lopes, 2008:332)

O mesmo autor menciona que no plano legislativo estão definidos e consagrados determinados objectivos que na prática não são cumpridos, ou seja, os lares e centros de dia constituem-se como “estruturas destinadas a promover, junto da terceira idade, um conjunto de actividades e de acções de cariz cultural,

recreativo, social, educativo (...) mas “a realidade, porém, é bem diferente e está nos antípodas do quadro normativo”. A Animação Sociocultural está, pois, regulamentada por legislação no que toca aos lares e à terceira idade, mas carece de uma efectiva aplicação. Rocha, citado por Lopes (2008:333) à luz do Decreto-Lei 133-A/97, de 30 de Maio (que reformulou o regime de licenciamento e fiscalização dos estabelecimentos de apoio social) subscreve que com esta regulamentação:

“ (...) os lares devem passar a dar ênfase especial às actividades de animação que contribuam para um relacionamento saudável entre os idosos e para a manutenção das suas capacidades físicas e psíquicas (...) Para todos os estabelecimentos, existentes ou a abrir, torna-se obrigatória a existência no quadro de pessoal, de um animador social (...) Nos lares devem também ser afixados em lugar bem visível (...) o plano de actividades de animação sociocultural.” (Idem:333)

Porém, neste campo, ainda muito se encontra por fazer. Esta situação, desajustada da realidade e das necessidades da população idosa institucionalizada, pode ser modificada. Para alterar esta situação, o autor propõe a promoção de programas de animação sociocultural que actuem ao nível social, cultural e educativo; no domínio social através de relações interpares, de modo a que a terceira idade não fique à margem da sociedade; a nível cultural, estimulado a memória dos idosos através de actividades como teatro, dança, cançoneiros, artesanato, tradições orais, jogos, etc; a nível educativo, através da criação a participação em Universidades Seniores que promovam a partilha de saberes.

Em suma, a Animação Sociocultural na terceira idade tem de ir para além da dimensão ocupacional, relacionada com actividades manuais ou de bricolage para quebrar a monotonia. Tem de ter objectivos precisos, tem de dar significado e sentido à vida. Principalmente nos lares e centros de dia a ASC deve “criar um clima, um dinamismo no seio do estabelecimento visando o melhoramento da qualidade de vida das pessoas idosas, facilitando a sua adaptação a uma vida comunitária imposta” (Jacob, 2008: 22).

Constança Paúl (2010, Janeiro) diz-nos que, de acordo com Rowe e Kahn (1998) “há um convincente conjunto de investigações que mostram que o apoio social é um determinante chave do envelhecimento bem sucedido”. Concluímos,

portanto, que é extremamente importante criar redes de apoio social à população idosa de modo que esta possa viver a terceira idade de forma harmoniosa. A Animação Sociocultural constitui-se, em nosso parecer e no parecer de Ventosa, (citado por Lopes, 2008: 337) “uma estratégia não para dar anos à vida, mas sim, para dar mais vida aos anos”.

Capítulo II – Estratégias de Desenvolvimento do Projecto de Intervenção Comunitária

1. Procedimento Metodológico

A pertinência deste projecto justifica-se na medida em que “os idosos merecem uma atenção especial, não apenas pela sua susceptibilidade à exclusão, em virtude das limitações que resultam do processo de envelhecimento, mas também na perspectiva do seu contributo valioso, de que a sociedade tanto carece” (Carvalho e Baptista, 2004:62).

Para Osório (1997:258) é necessário “fazer do lar um processo global de animação sociocultural gerador de convivência, participação e desfrute do ócio e da cultura” e os programas que se podem desenvolver neste campo são diversos, de acordo com a realidade da pessoa idosa, a centro social e o meio.

Também para H. López Cruz:

“(...)a necessidade destes programas é insubstituível por diversos motivos: a pessoa idosa, especialmente a que vive numa centro social, dispõe de muitos períodos de ócio, permanecendo demasiado tempo desocupada, o que acaba por ser um factor de tensão na velhice com a consequente repercussão sobre a saúde e o bem-estar; a depressão e os estados depressivos são fomentados pelo tempo vazio excessivo e sem sentido que conduz ao tédio e à apatia, com perda progressiva de identidade, baixa auto-estima e um conceito pessoal negativo; a possibilidade de lutar, contra os sentimentos de inutilidade e incapacidade tão enraizados na vida das pessoas (...) exige uma rápida e ajustada intervenção”. (citado em Osório, 1997:258).

Esta intervenção, de acordo com Lombardi (2005:62), passa pela animação sociocultural, pois acreditamos que ela “contribui para o desenvolvimento do ser humano de forma integral, pois possibilita que, por sua participação, as pessoas adquiram consciência da sua realidade e busquem transformá-la”.

Assentando nestes propósitos, pareceu-nos importante a construção de um projecto que permitisse às pessoas uma tomada de consciência da sua situação e um maior protagonismo nos processos de mudança da sua realidade, com vista ao seu desenvolvimento pessoal e social.

Para além disso, pretendemos ainda que o projecto promova uma maior integração inter-geracional, participação social e promoção da cidadania, bem como o reforço da auto-estima por parte dos idosos.

Em termos da sua componente metodológica, tentaremos aqui fundamentar as opções que melhor se adequaram ao projecto de investigação desenvolvido, apresentando as suas linhas metodológicas.

1.1. Método: Investigação Participativa.

Pretendíamos que este projecto de intervenção comunitária, promovesse a participação dos indivíduos como co-autores do mesmo e que conduzissem a mudanças significativas para os sujeitos. Deste ponto de vista, optámos pela abordagem qualitativa da investigação participativa.

As razões desta opção prenderam-se com o facto de a investigação participativa se apresentar como uma abordagem alternativa em investigação social, que integra a investigação, a educação e a acção. Para além disso, está directamente relacionada com a educação de adultos e envolve a efectiva participação dos sujeitos em todas as fases do processo de investigação.

Cristina Vieira (1995) diz-nos que a investigação participativa é recente, não se encontrando unanimidade entre os vários autores que se debruçam sobre ela¹. Tomando como ponto de partida os trabalhos de Hall (1993), Cristina Vieira (1995:19) diz-nos que “a expressão investigação participativa” teve a sua origem histórica em projectos de investigação e educação de adultos levados a cabo em África, na Tanzânia, na década de 70. Mais tarde, Hall, reconhecido investigador na área, estudou e apresentou a investigação participativa como “uma abordagem alternativa e colectiva em investigação social, especificamente no domínio da

¹ A autora, no sentido de clarificar a falta de uniformização de designações, esclarece que investigação participativa tende a dar mais ênfase à participação, daí alguns autores, tais como Hall (1975:1981:1988;1993), Tandon (1981;1988), Gaventa (1988;1993), Grossi (1981), Park (1993), Erasmie e Lima (1989) utilizarem a designação “investigação participativa” (participatory research – PR).

Outros autores, como Borda e Rahman (1991), White (1991), Reason (1994), Hernández (1992-93) preferem utilizar a expressão “investigação-acção participativa” (participatory action-research – PAR), salientando a componente de acção na investigação.

A este propósito Vieira (1995:17) esclarece, citando Borda (1991:10) que “*depois de se espalhar pela Europa e pelos países de língua inglesa, PAR foi a designação adoptada. Investigación acción participativa (IAP) é usada na América Latina; pesquisa participante no Brasil; ricerca partecipativa, enquête participation, recherche action (...) noutros países. Na nossa opinião, não existem diferenças significativas entre estas concepções, especialmente entre a PAR e a PR (investigação participativa)*” (...).

educação de adultos” (Vieira: 1995: 19), tendo-o feito inicialmente em 1975, num artigo publicado pela “Convergence” (Vol.VIII, nº 2), publicação periódica da responsabilidade do Conselho Internacional de Educação de Adultos.

Porém, na opinião de diversos autores como Gaventa (1988), Brown, (1985) e Rahman (1991), citados em Vieira (1995:24) são também apontados antecedentes deste tipo de investigação em Paulo Freire². Embora não tenha sido o primeiro a utilizar a expressão “investigação participativa”, já em 1970 na primeira edição da sua obra “Pedagogia dos Oprimidos” ele expressava preocupações e pressupostos básicos da investigação participativa. Mais tarde, em 1982, num ensaio sobre investigação e educação Freire escrevia:

“Se eu percebo a realidade como a dialéctica entre o sujeito e o objecto, então tenho de utilizar métodos de investigação que envolvam as pessoas da localidade em estudo como investigadoras; elas próprias devem tomar parte da investigação e não servirem como objectos passivos do trabalho desenvolvido”(citado por Gaventa, 1988:19 apud Vieira, 1995:25)

Vieira (idem:25) refere ainda que Hall (1981:8) encontra antecedentes da investigação participativa nos trabalhos de Engels³, Marx⁴ e também alguns contributos de Dewey na concepção de métodos de investigação social alternativos ao paradigma dominante positivista das décadas de 50 e 60.

Apesar de ser alvo de críticas por parte de alguns autores⁵, esta forma de investigação promove uma participação dos indivíduos mais activa e efectiva, constituindo uma forma de aprendizagem colectiva onde o investigador “só se legitima metodologicamente se for capaz de favorecer uma real co-autoria” (Lima,

² Em 1982, Freire defende, numa das suas obras, que as pessoas devem, elas próprias, tomar parte na investigação e não serem sujeitos passivos.

³ No tipo de interacção que estabeleceu com as classes trabalhadoras de Manchester.

⁴ Com a utilização de entrevistas não estruturadas (L’Enquête Ouvrière) junto de trabalhadores fabris franceses.

⁵ De acordo com Serrano (1997:114), formularam-se críticas a esta modalidade de investigação no que respeita à validade e ao rigor da mesma, porém, de acordo com Rahman e Fals Borda (1992: 129, citado em Serrano, 1997:114) “este tipo de investigação pode continuar a ser, durante muito tempo, um movimento mundial dirigido e destinado a alterar esta situação, ao estimular o conhecimento popular, entendido como sabedoria e conhecimentos próprios, ou como algo que se deve adquirir pela auto-investigação do povo. Tudo isto com o fim de servir de base principal de uma acção popular para a mudança social e para um progresso genuíno no empenho de tornar efectivas a igualdade e a democracia.

2003:323), ajudando os indivíduos a serem eles próprios sujeitos de conhecimento. Esta transmissão do conhecimento é recíproca porque feita nos dois sentidos, ou seja, numa relação de investigador-investigador, daí a designação de “investigador colectivo”.

O percurso deste tipo de investigação é um processo contínuo e parte de um problema - não de uma teoria como nos tipos de investigação tradicionais - o qual é sentido pela comunidade que o vive e é “resolvido” por ela, ou seja, parte de uma situação concreta observada, capacitando as pessoas para melhorar as suas competências ou as suas condições de vida.

Uma vez que pretendíamos promover uma maior participação das pessoas e torná-las capazes de produzir o seu próprio conhecimento, o projecto desenvolvido privilegiou a investigação participativa, dado que esta “pretende apresentar os indivíduos como os seus próprios investigadores” (Vieira, 1995:36 citando Tandon, 1998:7) colaborando com o investigador-externo na identificação do(s) problema(s), na recolha e análise de dados e na escolha de estratégias de resolução do(s) mesmo(s).

Assim, “sendo esta forma de pesquisa participada, é um seu princípio organizacional que não há especialistas do saber agindo sobre os leigos ignorantes, mas que todos os implicados vão cooperativamente construindo o conhecimento pertinente e necessário” (Lima, 2003:319). Deste modo, a motivação da comunidade é maior, pois a investigação parte dos seus próprios interesses e visa a melhoria da qualidade de vida dos participantes.

Serrano (1997: 112) a investigação participativa “pode considerar-se como um processo sistemático que uma determinada comunidade leva a cabo para atingir um conhecimento mais profundo dos seus problemas e solucioná-los tentando incluir toda a comunidade no processo”. A autora explica que este processo é um conjunto de acções que devem ser realizadas pelo grupo de pessoas que quer transformar a sua realidade, partindo de uma “motivação colectiva”. Esta nasce do desejo comum de conhecer uma determinada realidade social procurando os meios adequados para a transformar.

Concordamos com Serrano quando nos diz que “este tipo de investigação atribui grande importância à *vida quotidiana* (...) e ao *papel da comunidade* ao longo

de todo o estudo.” O objectivo prioritário da investigação participativa será, pois, beneficiar toda a comunidade envolvendo-a em todo o processo e não só nos resultados. Mais ainda, a investigação participativa em animação sociocultural deve, no entender da autora:

“(...) descobrir as formas práticas de propiciar aos sectores populares o modo de se apropriarem e elaborarem um saber instrumental que lhes permita exprimirem, estruturarem e dinamizarem as suas próprias experiências. O objectivo último consiste em potenciar as expressões e as concepções autónomas do povo, criando campos onde as pessoas possam desenvolver-se” (Serrano, 1997:113).

No parecer da autora, as fases da investigação participativa de diagnóstico, análise crítica da realidade e acção, “constituem os momentos chave do processo de estudo, de reflexão e de actuação que leva a comunidade para uma transformação constante da realidade”, não se podendo efectivar realmente essa mudança se a mesma não apresentar uma certa permanência, no sentido de “assegurar a efectividade da espiral do processo de inovação e mudança” (Idem:113).

Podemos, então, resumir as etapas da investigação participativa em: identificação do problema, recolha e análise de dados, planeamento de acções colectivas e avaliação/reflexão contínua do trabalho, havendo reformulação das acções em consequência das reflexões realizadas. Estas etapas foram sendo construídas ao longo do trabalho que desenvolvemos.

1.2. Técnicas de Recolha e Tratamento de Dados

Em investigação participativa as técnicas de recolha de dados utilizadas podem ser diversas, porém as mais utilizadas são as técnicas qualitativas como a entrevista não-estruturada ou semi-estruturada e a observação participante, grupos de discussão, seminários comunitários, gravações, fotografias... Porém, a escolha destas técnicas de investigação “depende sobretudo dos objectivos definidos (...) e do tipo de resultados esperados, os quais possam vir a servir de base para o desencadear de acções concretas” (Vieira, 1995:64).

A escolha das técnicas de recolha de dados é decisiva numa investigação, devido à necessidade de manter uma articulação entre os propósitos da investigação e as estratégias através das quais se pretende concretizar a mesma. É igualmente decisiva, uma vez que as modalidades de recolha de dados condicionam a dinâmica do projecto de investigação e os próprios resultados do projecto.

Tendo em conta estes pressupostos, privilegiámos a observação participante, ou seja, optámos por observar o contexto em causa, no centro social objecto deste estudo e por entrevistar os idosos que frequentam o mesmo, bem como três das principais técnicas responsáveis pelo funcionamento do centro social.

Assim, na fase de diagnóstico as técnicas utilizadas para a recolha de dados foram a entrevista semi-estruturada a par da observação participante. Aliás, a observação esteve sempre presente ao longo de todo o processo de investigação e intervenção, tornando-se mais evidente no momento da recolha de dados. Desde o princípio que elegemos a observação como técnica a utilizar. Através da observação pudemo-nos inteirar dos procedimentos e das dinâmicas próprias daquele contexto. A observação implica o envolvimento com o ambiente social dos observados numa tentativa de recolha de informação sobre a natureza física e social do seu mundo, ou seja, é preciso disponibilidade para estar no próprio contexto.

“Ninguém duvida que observar (...) seja um método científico, uma vez que permite abstrair os factores constantes da conduta e compará-los com outras variáveis” (Itúrria, 1987:157). No entanto, a observação conduz, em determinadas situações, a fortes críticas devido ao envolvimento a que o observador fica sujeito com a população ou os contextos observados. Torna-se, então, essencial ter “um peso e uma medida” na utilização da observação enquanto técnica usada nas ciências da educação, para que consigamos obter realmente informação relevante.

Estando a observação relacionada com as dinâmicas dos quotidianos, torna-se difícil concretizar a mesma através de uma planificação, porque ao observar contextos de comportamentos humanos nunca se sabe o que pode acontecer. A observação torna-se, deste modo, “um método violento (...) para quem começa a ser observado e para quem observa” (Idem:157), exigindo deste último algum discernimento mental para avaliar o que realmente é importante e de interesse para o estudo no universo das situações observadas.

Consideramos que o uso da técnica de observação foi a estratégia mais eficaz para ficar a conhecer melhor o dia-a-dia do centro social, junto dos seus principais intervenientes. Pela observação conseguimos obter uma panorâmica do pulsar do centro social e da actuação dos seus intervenientes.

Quando foi utilizada, também a técnica de entrevista assumiu particular importância na sua articulação com a observação. Para além das respostas dadas às questões colocadas, emergiram outras informações através de expressões faciais e corporais, que só pela observação directa foram possíveis de detectar.

A entrevista é um modo de recolher informação que pode ser definida como “uma conversa com um objectivo” (Foddy, 1996:64). Através dela procuramos obter informações relativas a dado actor social, prática, processo ou contexto, através de um encontro interpessoal que se realiza num local e situação determinados. Há três condições a respeitar na realização das entrevistas: a acessibilidade, as condições cognitivas e a motivação. A primeira condição tem a ver com a recolha de informação e com a detecção de obstáculos, enquanto as condições remetem para a existência de um quadro de referência que permite realizar a entrevista, e a motivação relaciona-se com o interesse e o desejo em particular de produzir respostas.

Existe também um conjunto de factores que intervêm no sucesso ou insucesso da entrevista, sendo um dos principais, o tipo de relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado.

A relação entre eles é uma relação de influência que pressupõe o factor distância e o factor linguagem, sendo importante, por exemplo, ter consciência que, numa situação de entrevista, a pessoa pode não se sentir livre para dizer o que quer pois é condicionada pela própria situação de entrevista. Os aspectos motivacionais e cognitivos, bem como as suas referências culturais são outros factores a ter em conta, pela influência que exercem no processo, e do mesmo modo, os factores relacionados com a pertinência, ou não, do tema para os entrevistados.

No outro pólo, dos factores inerentes ao entrevistador, é importante saber observar e, mais tarde, recordar atitudes e posturas dos entrevistados, assim como dominar minimamente as técnicas necessárias ao acto de inquirir. O entrevistador não deve deixar que o seu quadro de referências (expressões, convicções,

motivações...) interfira no trabalho, devendo adoptar uma postura imparcial, rigorosa e atenta.

A escolha da entrevista, como técnica de recolha de dados, implica também que tenhamos consciência do local onde ela vai ser realizada. Daí que as mesmas tenham sido feitas no próprio contexto, ou seja, no centro social onde se realizou a investigação.

Deste modo, a recolha de informação consistiu na realização de 8 entrevistas aos utentes idosos do centro social (anexo I) e 3 entrevistas a pessoal pertencente ao quadro técnico do centro social e à Direcção (anexo II). As mesmas foram gravadas em registo áudio utilizando-se um gravador digital para o efeito, com a autorização prévia dos participantes, mediante um termo de consentimento livre e esclarecido (anexo III) entregue em mãos. Este termo foi assinado pelas Educadora Social, Directora Técnica e Presidente do centro social. Porém, foi apenas verbalizado oralmente pelos restantes participantes, a quem pedi permissão para gravar a entrevista. Esta última situação deveu-se ao facto de alguns dos idosos entrevistados não saberem ler, pelo que não faria sentido assinar um documento, mesmo que tivessem confiança no entrevistador. As entrevistas gravadas procederam-se, pois, mediante um acordo verbal entre as partes. No papel de entrevistadores, tentámos estabelecer um diálogo com os entrevistados. O instrumento utilizado estava dividido em duas partes: uma parte com questões relativas aos dados pessoais de cada sujeito e outra parte com as questões objecto do nosso estudo. Cada entrevista teve uma duração média de 20 minutos.

Feitas as entrevistas procedemos à sua análise. Actualmente, a análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns nas ciências sociais pois é a análise tanto dos discursos, como das notas de campo, como ainda, das respostas no domínio das entrevistas e de perguntas abertas quando usados questionários. “Qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível!” (Bardin, 2009:164)

Para Bardin (Idem:33) “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma

grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Durante e após a etapa de recolha de dados emergem vastíssimos elementos ou conteúdos que podem levar a interpretações imediatas e a análises precoces, que tendem a orientar a investigação num ou outro sentido. Perante esta perspectiva é condição essencial o aparecimento da análise de conteúdo como “técnica instrumentalizada e a instrumentalizar de acordo com normas metodológicas” (Terrasêca, 1996:117).

Para além de nos apropriarmos dos discursos dos participantes envolvidos, procurámos articulá-los entre si, procurando vínculos e pontos em comum, contradições ou ponto de tensão. Foi pela análise de conteúdo que tal foi viável. Os discursos dos participantes deste estudo foram sujeitos a esta análise numa tentativa constante de desfragmentação e posterior inclusão em unidades temáticas.

Seria errado e pouco assertivo apresentar as etapas da análise de conteúdos como se estas fossem etapas claramente definidas e compartimentadas, pois a “análise de conteúdo, como qualquer outra análise qualitativa evolui de forma cíclica e circular, ao invés de linear e sequencial. Pode saltar etapas, realizar outras simultaneamente” (Terrasêca, 1996:120), o que não significa que não haja momentos em que, do ponto de vista metodológico, as mesmas assumam alguma especificidade e singularidade.

O primeiro procedimento iniciou-se com a leitura e tratamento dos dados recolhidos. As entrevistas foram passadas de suporte de voz (gravador digital) para suporte de escrita, num processo moroso e nem sempre fácil de concretizar devido às especificidades da linguagem oral. Tornou-se necessário, após a transcrição, a eliminação de alguns vocábulos (devido à sua repetição), a adequação de formas verbais e a eliminação de algumas interjeições. Num primeiro momento, foi feita uma leitura na diagonal, cujo objectivo era apreender a globalidade dos discursos e adquirir uma visão global dos mesmos, num segundo momento, foi feita uma leitura mais ponderada, destacando-se citações importantes, palavras ou ideias.

Num segundo procedimento, depois de termos lido todo o material recolhido, fomos detectando conteúdos específicos que foram sendo incluídos em diferentes categorias. Sentimos dificuldades no estabelecimento destas categorias, visto

emergirem muitos conteúdos díspares. Não obstante, apesar dos obstáculos sentidos, fomos construindo as categorias, tendo como fio condutor as próprias perguntas que havíamos colocado aquando das entrevistas.

Assim, ao longo da leitura do corpus e do trabalho de selecção das citações mais significativas, foram surgindo as categorias, que foram agrupadas numa grelha resumo, que se encontra nos anexos (ver anexo IV). Nos registos foram colocados elementos de designação através de uma letra e um número. Por exemplo, ao primeiro idoso a ser entrevistado coube a designação U1, à primeira técnica do centro social correspondeu a designação T1 e assim sucessivamente.

Todavia, alguns elementos que surgiram da análise feita à realidade social do centro social, não foram incluídos em nenhuma das categorias mencionadas atrás. Esses elementos fazem parte de um rol de particularidades apenas detectáveis a partir da observação feita ao longo da investigação e que são mencionadas ao longo do trabalho sempre que oportuno.

2. Diagnóstico

A elaboração de um projecto implica a consecução de várias fases. No entanto, podemos definir três fases basilares, que constituem “os alicerces” do projecto: o diagnóstico e a análise da realidade; a elaboração de um plano de acção especificando os vários passos a seguir; e por fim, a avaliação dos resultados. Aquando do diagnóstico, faz-se uma análise aprofundada da realidade, para detectar necessidades, estabelecer prioridades, procurar as causas e as origens dos problemas, estudando-se a população e fazendo uma previsão dos recursos.

Para Serrano (2008:29) o diagnóstico da realidade é “uma fase de vital importância para a elaboração de projectos”, pois permite que se localizem os problemas, se conheçam as causas e se encontrem vias de resolução para esses mesmos problemas. A autora defende que nesta fase de diagnóstico “é conveniente examinar a realidade a estudar, as pessoas, o meio envolvente, as características e as circunstâncias que incidirão no desenvolvimento do projecto.” No entanto, é necessário saber descrever os problemas e é conveniente que sejam as pessoas envolvidas no projecto a tomar consciência da existência dos mesmos, pois só assim será mais fácil chegar a uma resolução adequada.

Na fase de diagnóstico, a entrevista aos utentes do Centro permitiu-nos, em primeiro lugar, a recolha de informações e de dados socio-demográficos, para conhecer a trajectória pessoal de cada idoso e fazer uma caracterização dos mesmos. Em segundo lugar, serviu para fazer o levantamento das concepções e expectativas que cada utente tinha acerca do centro social e, em terceiro, teve como finalidade obter dados que permitissem detectar necessidades ao nível das actividades de ocupação de tempos livres.

As entrevistas à Educadora Social, à Presidente do centro social e à Directora Técnica permitiram a recolha de informações acerca da importância do centro social para a sociedade, qual a articulação existente entre ambas, os objectivos destes espaços e o cumprimento dos mesmos, bem como indagar sobre a finalidade da animação sociocultural nestes espaços e a sua adequação aos interesses dos utentes.

Para além das entrevistas, aplicadas no sentido de conhecer mais aprofundadamente o grupo de pessoas, participantes no projecto, o diagnóstico da realidade foi sendo complementado também através da observação. Nas primeiras semanas de contacto com o centro social, pudemos inteirar-nos do seu funcionamento e da forma como estava organizada. Essa caracterização será apresentada adiante.

2.1. O Meio Envolvente

O Centro Infantil e Social objecto deste projecto, fica situado na freguesia de Cesar, pertencente ao concelho de Oliveira de Azeméis. Cesar é uma povoação bastante antiga, conforme atestam documentos anteriores à formação da Nacionalidade Portuguesa, mais concretamente de 1035, nos quais era designada por “Villa Cesari” (Gomes, 2008).

Acompanhando a religiosidade popular característica desta terra, Cesar possui uma Igreja Matriz, construída em 1810, a capela da N^a. S^a da Esperança e Sta. Apolónia, já existentes em 1751, e a capela da S^a da Graça, já existente em 1623. Anualmente realizam-se duas festas: a Festa de Sta. Apolónia e a festa em honra de S. Pedro, S. Sebastião e Nossa Senhora da Graça.

Em 1835 é fundada a “ Feira dos Dezoito” trazendo grandes progressos para a região através das transacções comerciais. O largo da feira, desde 1910, é denominado por “ Praça da Liberdade”. Nessa altura chegou a ter um mercado semanal, actualmente apenas se realiza uma feira mensal com o mesmo nome (todos os dias dezoito de cada mês).

Um outro factor a salientar é a emigração do século XIX para o Brasil. Isto levou a que muitos Cesarenses enriquecessem e aplicassem todas as suas riquezas em palacetes que ainda hoje existem. Estes emigrantes valorizavam muito Cesar, pois construíram novas estradas, escolas e outras infra-estruturas de cariz religioso. Nesta freguesia, e que se encontra actualmente quase extinto, é o artesanato da latoaria, outrora com muito significado. A partir da segunda guerra mundial, dá-se o verdadeiro surto industrial, surgindo as serrações de madeira e a fábrica de brinquedos “Bebélia”, e logo de seguida as fábricas de louças metálicas e de artigos em plástico e outras, que projectaram o nome de Cesar no país e no estrangeiro.

As actividades laborais mais significativas desta vila são o comércio e a indústria, destacando-se nesta última, unidades fabris de louças metálicas, plásticos, calçado, moldes, artigos de campismo e serrações de madeira.

Os habitantes dispõem de um Centro de Saúde, assim como, um consultório pediátrico, três consultórios dentários, dois consultórios de clínica geral e dois laboratórios de recolha de análises clínicas. Dispõe igualmente de uma farmácia.

Ao nível educacional a vila goza de um infantário, dois jardins-de-infância, dois ATL, duas escolas do 1º ciclo do Ensino Básico e um Centro de Dia e uma Estrutura Residencial para idosos. Possui três associações recreativas, a Villa Cesari que é a Associação de Cultura e Desporto de Cesar, que inclui um grupo de teatro, a MARC – Mirões, Associação Recreativa e Cultural de Cesar e a Biblioteca da Casa do Cruzeiro.

A nível desportivo tem um pavilhão gimnodesportivo, uma associação columbófila, um clube de caça e pesca e tem o seu próprio clube de futebol que se designa “Futebol Clube Cesarenses”.

A vila de Cesar está em franco crescimento, tem vindo a desenvolver-se, e oferece um conjunto de bens e serviços que vêm de acordo com as necessidades dos habitantes. Até então, Cesar era considerada aldeia, mas com o decorrer destas

evoluções foi elevada a vila a 13 de Julho de 1990 (Prospectos da Junta de Freguesia de Cesar)

2.2. O Centro Infantil e Social de Cesar (CISC)

De acordo com o artigo nº1 do Decreto-Lei nº 119/83 de 25 de Fevereiro, as IPSS são entidades jurídicas constituídas sem finalidade lucrativa, por iniciativa privada, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos e desde que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico, para prosseguir, entre outros, os seguintes objectivos, mediante a concessão de bens e prestação de serviços:

- a) Apoio a crianças e jovens;
- b) Apoio à família;
- c) Apoio à integração social e comunitária;
- d) Protecção dos cidadãos na velhice e invalidez e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de incapacidade de auto sustento;
- e) Promoção e protecção, nomeadamente através de prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação;
- f) Educação e formação profissional dos cidadãos;
- g) Resolução dos problemas habitacionais das populações.

As IPSS têm em vista o exercício da acção social, prevenção de situações de carência, exclusão social ou qualquer tipo de marginalização e por outro lado promover a integração comunitária, desenvolver actividades de apoio à família, juventude, terceira idade, deficientes e a toda a população necessitada.

O centro social estudado é uma Instituição Social Privada de Solidariedade Social (IPSS) que pertence ao concelho de Oliveira de Azeméis. É um centro social sem fins lucrativos que tem por fim dar respostas às necessidades sociais e educativas de crianças e idosos.

Esta entidade foi fundada no dia 27 de Fevereiro de 1988, constituída pelas valências de Creche, Jardim-de-infância, Centro de Actividades de Tempos Livres

(CATL), Centro de Dia e Apoio Domiciliário. Mais recentemente, desde Abril de 2008, foi inaugurada a valência respeitante à Estrutura Residencial para idosos (ver tabela 1).

O Centro Infantil e Social de Cesar (CISC) tem por objectivos promover o desenvolvimento pedagógico, psíquico e físico, de modo equilibrado, das crianças entre os 4 meses e a idade escolar, por meio de creche, jardim de infância, CATL, bem como prestar apoio às respectivas famílias, através do Centro de Dia, do Apoio Domiciliário e da Estrutura Residencial para Idosos. É também objectivo do complexo possibilitar a dignificação dos utentes, evitando a sua exclusão e isolamento social. O serviço de Centro de Dia tem por fim dar respostas às necessidades do grupo alvo residente na área, de forma a facultar-lhes permanência, o mais possível no seu domicílio. O serviço de Apoio Domiciliário consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio, tendo em vista a satisfação das necessidades básicas e/ou as actividades de vida diárias, designadamente a alimentação, higiene pessoal e tratamento de roupas. Destina-se a indivíduos e famílias que por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das suas necessidades básicas e/ou as actividades de vida diárias (Regulamento do Apoio Domiciliário).

Diariamente o CISC inicia as suas actividades às 7h30m e termina às 19 h. Todas as valências encerram aos fins-de-semana e nos feriados considerados obrigatórios, excluindo o Apoio Domiciliário e a Estrutura Residencial, que funcionam todos os dias sem excepção.

Valências

Tabela 1 – Valências e Capacidade de Utentes

VALÊNCIAS	CAPACIDADE DE UTENTES
CRECHE	50
JARDIM DE INFÂNCIA	50
A.T.L.	40
CENTRO DE DIA	25
APOIO DOMICILIÁRIO	46
ESTRUTURA RESIDENCIAL	32

Creche

A creche é uma resposta social de âmbito socioeducativo que se destina a crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade, durante o período diário correspondente ao trabalho dos pais, proporcionando às crianças condições adequadas ao desenvolvimento harmonioso e global, cooperando com as famílias em todo o processo educativo. A capacidade da valência é de 50 crianças, que estão distribuídas por cinco salas.

A creche visa a satisfação das necessidades básicas das crianças, assim como o seu desenvolvimento integrado, adaptado à realidade sociocultural do meio envolvente e de modo a proporcionar um leque de experiências estimulantes às crianças. Os pais são parte de um complemento educativo através de reuniões periódicas, contactos individuais, participação activa na creche.

Os objectivos fundamentais são proporcionar atendimento individualizado da criança num clima de segurança afectiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global, colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação e/ou deficiência, fazendo o encaminhando adequado das situações detectadas.

A creche possui 8 auxiliares e 2 educadoras, havendo também uma auxiliar para dar apoio na sala dos bebés.

Jardim-de-Infância

Com o jardim-de-infância pretende-se proporcionar oportunidades educativas e de apoio às famílias, para as crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. De forma a promover o seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social e moral, através de experiências individuais e de grupo, adaptadas à expressão das suas necessidades.

As crianças são distribuídas por 2 grupos de 25 crianças cada. Em cada sala há uma educadora e uma auxiliar. Durante o tempo da manhã as crianças ocupam-se com variadas actividades pedagógicas. Esta valência tem actividades de enriquecimento curricular, tais como: música, natação e ginástica.

Centro de Actividades de Tempos Livres (CATL)

No CATL estão inscritas cerca de 40 crianças. Possui duas salas para actividades e uma sala comum para fazer jogos ou ver televisão. Tem duas ajudantes de acção educativa. O CATL abre às 7h30min, faz a recepção das crianças e por volta das 9h leva-as para a escola. Às 17h 30min vêm da escola para o CATL para fazerem os trabalhos escolares e actividades lúdicas até às 18h 30min.

Apoio Domiciliário

O apoio domiciliário consiste na prestação de cuidados individuais e personalizados no domicílio a pessoas e/ou a famílias que por motivo de doença, deficiência, velhice ou qualquer outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente a satisfação das suas necessidades básicas ou actividades da vida diárias.

Higiene pessoal, alimentação diária e o serviço de lavandaria são os serviços prestados. Este serviço ocorre todos os dias das 8h30min às 18h30min, sábados das 8h30min às 15h, domingos e feriados das 8h30min às 13h, e tem como principais objectivos:

- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e famílias;
- Contribuir para retardar ou evitar a institucionalização;
- Assegurar aos indivíduos e família a satisfação de necessidades básicas;
- Prestar cuidados de ordem física e apoio psico-social aos indivíduos e famílias, de modo a contribuir para o seu equilíbrio e bem-estar;
- Colaborar na prestação de cuidados de saúde;
- Favorecer os sentimentos de interacção, auto-estima e segurança;

Centro de Dia

O Centro de Dia tem por fim dar respostas às necessidades do grupo alvo residentes na área abrangida pelo mesmo de forma a facultar a permanência, o mais tempo possível, no seu domicílio (Regulamento do Centro de Dia).

São objectivos do Centro de Dia:

- Proceder à detecção das necessidades das pessoas idosas da área por ele abrangida;
- Prestar informação e acolhimento às pessoas idosas da comunidade;
- Organizar serviços biopsicossociais que ofereçam respostas às necessidades dos idosos;
- Promover o encontro dos idosos entre si e destes com a comunidade em geral;
- Desenvolver inter-serviços e inter-grupos na comunidade em que se insere.

Para atingir estes objectivos, deverá o Centro de Dia proporcionar aos utentes:

- Alimentação equilibrada;
- Higiene e conforto físico e psicológico;
- Possibilidades de ocupação de acordo com os gostos e aptidões dos idosos;

- Funcionamento regular de actividades sócio-recreativas, adequadas às suas necessidades.

Os utentes podem usufruir dos seguintes serviços:

- Pequeno-almoço, almoço e lanche;
- Transporte da Centro social, mediante horários previamente estabelecidos;
- Cuidados de higiene e conforto;
- Tratamento de roupa;
- Actividades recreativas.

O Centro de Dia funciona normalmente de segunda a sexta-feira, das 8:30h às 18:30h, excepto Feriados.

Estrutura Residencial

A estrutura residencial para idosos está a funcionar permanentemente desde o dia 1 de Junho de 2008.

São objectivos da Estrutura Residencial:

- Assegurar a satisfação das necessidades básicas do residente, tais como: alojamento, cuidados de saúde, cuidados de higiene, conforto, ocupação e lazer;
- Promover a continuidade ou restabelecimento das relações familiares e de vizinhança.
- Assegurar o tratamento e acompanhamento biopsicossociais;
- Favorecer os sentimentos de interacção, auto-estima e segurança;
- Participar no desenvolvimento normal do processo de envelhecimento;
- Garantir e respeitar a individualidade, a privacidade e a livre expressão e opinião;
- Criar condições para que o residente possa explicitar as suas capacidades criadoras participando activamente na vida do lar;

- Manter as instalações, regras de funcionamento e espaços envolventes inteiramente adequados à cabal realização dos objectivos anteriormente mencionados (Regulamento da Estrutura Residencial).

2.3. Os Participantes do Projecto

No projecto que levámos a cabo, utilizámos como critérios de selecção dos participantes a preservação das suas capacidades cognitivas e comunicativas e o interesse manifestado por cada um em participar voluntariamente. Segundo Fortin (2003), todo o sujeito tem direito a decidir quanto à sua participação numa investigação, pelo que a vontade de cada um foi sempre respeitada.

De seguida, apresentamos um conjunto de dados relativos ao grupo de idosos entrevistados, relacionados com os itens: género, idade, naturalidade, estado civil, habilitações, profissão e nº de filhos.

A tabela nº 2 compõe o perfil dos participantes deste projecto, mostrando as suas características gerais, as suas semelhanças e diferenças.

Tabela 2 - Perfil Socio-Demográfico dos Idosos Entrevistados

	Perfil socio-demográfico						
	Género	Idade	Naturalidade	Estado Civil	Habilitações	Profissão	Nº de Filhos
U1	Masculino	85	Travanca	Viúvo	4ª ano	Ferroviário	0
U2	Feminino	80	Cesar	Viúva	2º ano	Agricultora	1 falecido 1 vivo
U3	Feminino	78	Alcoutim	Casada	3º ano	Costureira	2
U4	Masculino	79	Cesar	Solteiro	Curso Profissional de Contabilidade	Contabilista	0
U5	Feminino	70	UI	Viúva	Não frequentou a escola	Doméstica	2
U6	Feminino	90	Cesar	Viúva	Não frequentou a escola	Agricultora	3
U7	Feminino	90	Oliveira de Azeméis	Viúva	Não frequentou a escola	Agricultora	1
U8	Feminino	82	Travanca	Viúva	Não frequentou a escola	Porteira	0

Ao visualizarmos a tabela nº2 podemos constatar que o grupo de participantes é predominantemente do género feminino, com idades compreendidas entre os 70 e os 90 anos. Quanto à naturalidade, a maioria dos participantes pertence ao concelho de Oliveira de Azeméis. No que respeita ao estado civil há uma predominância de viuvez pois encontramos 5 viúvos entre os participantes, 1 solteiro do sexo masculino, 2 casados actualmente e nenhum registo de divórcios. Ressaltamos no grupo, 3 participantes que nunca tiveram filhos. Os restantes têm entre 1 e 3 filhos.

No que toca às habilitações da maioria dos participantes, podemos observar que metade não frequentou a escola, porque não era obrigatório na época. Atendendo que o baixo nível de instrução pertence principalmente ao conjunto de mulheres idosas, não podemos esquecer que, na época, poucas eram as pessoas que estudavam, principalmente as mulheres. Apenas um participante completou o 1º ciclo do ensino básico e um participante frequentou o ensino superior técnico, o que nos leva a inferir que o nível de escolaridade dos participantes é muito baixo ou inexistente, reflectindo-se nas profissões que em tempos estas pessoas exerciam.

Podemos ainda resumir as características mais relevantes que caracterizam o grupo de participantes neste projecto, para além das já mencionadas, deste modo: a maioria dos participantes tem uma idade média alta, podendo ser classificados de muito idosos; há um predomínio de participantes do sexo feminino, uma vez que as mulheres se mostraram mais predispostas a participar; têm em comum o facto de praticarem a mesma religião - a maioria dos idosos considera-se católico praticante, participando na reza do terço todos os dias na centro social; o nível sociocultural é muito baixo (que vem na sequência da não frequência da escola, por se tratarem de pessoas que provêm de estratos sociais desfavorecidos); mantêm boas relações sociais, embora manifestem muitas vezes, sentimentos de inutilidade e baixa auto-estima; o estatuto socioeconómico apresenta-se igualmente baixo, sendo o valor das pensões apenas suficiente para pagar ao centro social e pouco mais; as actividades desenvolvidas quando pertenciam à população activa, desenvolvendo uma actividade remunerada, inseriam-se no sector primário das actividades produtivas, nomeadamente, agricultura (três idosas); no sector secundário, referentes às actividades transformadoras, costura (uma idosa); e no sector terciário, como

prestadores de serviços, um funcionário dos caminhos-de-ferro, um contabilista e uma porteira; uma idosa, pertencia à população não activa na medida em que não era remunerada pela actividade (doméstica) que exercia.

A maioria dos idosos apresenta algumas doenças tais como: diabetes, cataratas, diminuição da capacidade auditiva, reumatismo e outras que lhes permitem, ainda assim, levar uma vida independente e autónoma.

De seguida, apresentamos na tabela nº 3 os dados socio-demográficos relativos às técnicas entrevistadas responsáveis pela gestão e funcionamento do centro social. A mesma tabela apresenta um conjunto de dados relacionados com os itens: género, idade, naturalidade, estado civil, habilitações, profissão e nº de filhos, à semelhança do que foi apresentado anteriormente para o grupo de idosos.

Tabela 3 - Perfil Socio-Demográfico das Técnicas Entrevistadas

Sujeitos	Perfil socio-demográfico						
	Sexo	Idade	Naturalidade	Estado Civil	Habilitações	Profissão	Nº de Filhos
T1	Feminino	23	Arouca	Solteira	Licenciatura em Serviço Social	Directora Técnica dos Recursos Humanos (em substituição da actual directora que se encontra de licença de maternidade.	0
T2	Feminino	32	Cesar	Casada	Licenciaturas em Relações Públicas/ Educação Social	Técnica de Animação Sociocultural	1
T3	Feminino	48	Cesar	Divorciada	Licenciatura e Pós-Graduação em Enfermagem	Enfermeira/Directora Executiva	1 falecido 1 vivo

Relativamente às características deste grupo de entrevistados podemos salientar que o mesmo é relativamente homogéneo no que diz respeito ao género e às habilitações, ou seja, são todas do género feminino possuindo formação académica superior nas áreas de enfermagem, serviço social e relações públicas. As idades estão compreendidas entre os 23 e os 48 anos. Duas das técnicas entrevistadas são naturais de Cesar e uma é natural de Arouca. À excepção da actual Directora Técnica dos Recursos Humanos, quer a Directora da Instituição,

quer a Técnica de Animação Sociocultural exercem funções na instituição desde há vários anos (cargo de direcção e actividade profissional, respectivamente).

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Os idosos que frequentavam o centro social estudado foram os primeiros a ser entrevistados. Este grupo foi constituído por oito elementos que gentilmente se voluntariaram para participar na investigação, mostrando-se muito receptivos desde sempre. Todos os elementos foram entrevistados nas instalações do próprio centro social, em regime de entrevista individual, com recurso a gravador de voz, mediante consentimento prévio. As primeiras questões visaram o levantamento de dados socio-demográficos para uma caracterização do perfil de cada pessoa. Já as restantes questões, dirigiram-se especificamente para dar resposta aos objectivos deste estudo - detectar necessidades e identificar problemas. Passamos a destacar alguns aspectos que a nossa investigação procurou responder:

- Que importância as instituições de acolhimento para idosos têm na sociedade actual?
- O que se considera mais importante ao nível dos serviços prestados?
- Que articulação existe entre estas instituições e a família dos seus utentes/ sociedade?
- Qual a importância da animação sociocultural para idosos nestas instituições?
- Qual o grau de satisfação dos utentes com o seu modo de vida e com as actividades de animação sociocultural promovidas pela centro social?

Após a recolha de informações, teve início a fase de processamento de dados, através de uma triagem dos discursos dos actores sociais, que pelo seu teor e conteúdo mereceram maior destaque. Tal como referido anteriormente, foi utilizada uma grelha de análise (ver anexo IV) composta por cinco categorias referentes aos discursos obtidos pelas entrevistas. Para tal foram utilizadas as citações dos participantes e à medida que avançamos na análise das questões

colocadas nas entrevistas, foram surgindo algumas interpretações que passamos a expor.

Os dados decorrentes das entrevistas foram agrupados em cinco categorias:

- 1 - aspectos mais valorizados no centro social;
- 2 - importância do centro social para a sociedade;
- 3 - motivos que levam à frequência do centro social;
- 4 - articulação entre o centro social e a família/sociedade;
- 5- perspectivas face à animação sociocultural no centro social;

3.1 - Aspectos mais valorizados no centro social

Analisando os discursos dos participantes desta pesquisa, marcamos em seguida os pontos mais importantes. Deste modo, em relação aos aspectos mais valorizados no centro social, os utentes referem:

“Comer a horas, roupa lavadinha, cama feita, lavam a gente, especialmente aqueles que já não podem” (U1)

“É cama feita, roupa lavada, comer, o que é que a gente tem a dizer?” (U2)

“O mais importante é não nos faltar nada... de alimentação, roupa lavada e passada a ferro e posta no nosso roupeiro. Portanto, para ser amigo dos idosos tem que ser um lar que não falte nada... cadeirinhas de rodas para quem não pode andar...”(U8)

Portanto, a satisfação das necessidades básicas de alimentação, higiene e saúde bem como a atenção e a convivência social, são os aspectos mais valorizados pelos utentes que frequentam a centro social. A dedicação demonstrada pelas funcionárias do centro social é também referenciada como um dos aspectos mais importantes. Por outro lado, o clima de amizade e convivência entre todos também é referenciado. O plano da afectividade assume, pois, grande destaque:

“Portanto, o que eu admiro mais é, realmente, o trabalho de algumas empregadas, (...) a paciência de algumas empregadas.” (U1)

“É a atenção” (U3)

“É conviver com todos” (U6)

Comparativamente, segundo a perspectiva de quem trabalha no centro social, a prestação de serviços de qualidade, ao nível de equipamentos e funcionamento,

que garantam a satisfação das necessidades básicas, constituem um dos aspectos mais valorizados no centro social.

“É tudo... não consigo encontrar nada que seja... que tenha menor importância... desde as crianças... aos idosos... o bom funcionamento... a termos os equipamentos todos em bom funcionamento. Tudo me preocupa e tudo é importante... Porque é tudo, que faz a casa que temos...” (T3)

“Os cuidados primários de alimentação, cuidados de higiene, acho que é muito importante...” (T2)

Para além dos cuidados primários, considera-se muito importante a integração dos utentes na comunidade, a sua inclusão social, a sua estabilidade afectiva e emocional. Portanto, a sensação de bem-estar e felicidade também fazem parte dos parâmetros principais a valorizar no centro social.

“Acima de tudo o conforto dos utentes e o bem-estar deles. Sentirem-se como se estivessem nas suas casas é um bocado impossível porque não é as suas casas, não é tão personalizado. Mas acima de tudo a amizade entre os utentes, entre as funcionárias, a disponibilidade de cada uma para acompanhar o mais possível em termos de companhia, dar carinho também, sem entrar também em termos muito pessoais, além de profissional (...) conforto, estabilidade, lazer, qualidade nos serviços, acho que passa um bocadinho por aí, desde que eles se sintam bem, é o mais importante.”(T1)

Não menos importante é o que refere a seguinte entrevistada:

“...a parte de entretenimento, de animação, da animação sociocultural mais especificamente. Sendo esta a minha área, não posso deixar de valorizar... mas também acho que é muito importante eles estarem integrados na comunidade desta forma, sentirem-se activos de alguma forma, não é só ter os cuidados necessários, é também participar noutras actividades, noutras, noutros contextos, acho que é muito importante.” (T2)

3.2 - Importância do centro social para a sociedade

No que concerne à importância dada a este tipo de instituições de acolhimento para idosos, os mesmos referem:

“Ah, eu acho isto muito importante. E se não achasse isto importante... para a sociedade humana, não teria sequer contribuído, quer com dinheiro... para este lar ... fiz parte da comissão de obras e da angariação de fundos”. (U4)

“Um lar amigo dos idosos é a nossa segunda família. É a nossa segunda família. (U4)

“Porque me sinto aqui bem, e gosto de toda a gente e toda a gente gosta de mim.” (U5)

“É bom para quem não tem quem olhe por eles, pelos velhinhos, ou não tenha filhos” (U8)

De facto, um dos muitos problemas afectos ao processo de envelhecimento é a solidão. Assim, para os idosos a importância de que se revestem estas instituições é a de colmatar a ausência de familiares e a falta de cuidadores, familiares ou não, que os apoiem, assumindo o papel de substituto da família. A sua importância destaca-se, pois, no plano da afectividade, com a criação de novos laços relacionais. Deste ponto de vista, entendemos que o centro social é visto como um elemento de inclusão, e não meramente como um local onde se prestam serviços.

Do ponto de vista do pessoal técnico, a importância das instituições de acolhimento de idosos para a sociedade é cada vez maior para responder às carências da população.

“Cada vez mais importante, porque dado o ritmo de vida de agora, as pessoas não se podem dar ao luxo de estar em casa a tomar conta dos seus familiares idosos, têm que ir trabalhar e alguém tem que tomar conta deles porque é mesmo assim. Então, aí têm que recorrer aos centros sociais... porque apesar de haver muito desemprego as pessoas não podem desistir de procurar, para fazer pela vida, e não há o backup familiar, não é... Falta de apoio familiar e então daí a necessidade...” (T1)

Essa falta de apoio familiar fica-se a dever à falta de tempo, devido a compromissos ou carreiras profissionais, pois:

“(...)as famílias já não têm o mesmo tempo que tinham para cuidar de pessoas com problemas, sejam eles mentais, físicos. Agora toda a gente trabalha, tem contexto profissional, os filhos, nomeadamente dos idosos que nós cá temos, e então de alguma forma sabem que eles cá estão, estão a ser bem tratados, estão bem cuidados e eu acho que é muito importante que casas como esta, que prestam esse tipo de serviços, cada vez mais, acho que é muito importante.” (T2)

.

A necessidade cada vez maior deste tipo de instituições deve-se também à falta de estruturas adequadas, como nos mostram as falas seguintes:

“Eu acho que tem toda...(a importância) porque neste momento... infelizmente, cada vez mais vivemos em apartamentos... E cada vez mais as mulheres trabalham... e deixamos de estar disponíveis para tomar conta dos nossos pais... Ou seja, às vezes se calhar nem temos condições físicas para podermos ter os nossos pais... connosco.” (T3)

3.3 - Motivos que levam à frequência do centro social

Em relação à opinião dos idosos quanto aos motivos que presidem no momento da tomada de decisão em optar por viver num lar, ou frequentar um centro de dia para idosos, podemos anotar o seguinte:

“...o meu marido também não se podia ter em casa não, não podia, da maneira que ele já estava doente... disseram-nos: olhe, (...) o seu marido tem de ser internado, tem de ser já (...) eu era (vim) só para lhe fazer companhia e para ele não se sentir tão deslocado assim de repente.” (U3)

“Morei com os meus pais durante um tempo, depois eles faleceram (...) já vivia sozinho há uns anos (...) só tinha a viver assim próximo de mim a minha irmã (...) ela tem lá os hábitos dela, é costureira (...) e eu resolvi vir para aqui”. (U4)

Podemos concluir que os motivos que levam os sujeitos a frequentar este tipo de instituições são diversificados, nomeadamente a solidão, motivada, em certos casos, pela viuvez, noutros casos pela ausência de outros familiares:

“Eu deixei de poder...era viúvo E então era preciso lavar a roupa, era preciso cozinhar, era preciso limpar a casa... E então, resolvemos optar por um lar.”(U1)

“Elas (as filhas) queriam que eu viesse para aqui para não estar em casa sozinha, tinham medo de eu fugir por não andar bem da minha cabeça.” (U5)

“Olhe, foram eles (filhos)... que me mandaram vir para aqui e eu no princípio não queria vir (...) Não estava habituada a sair de casa, não queria e podia cozinhar bem, podia trabalhar e ia à loja (...)Agora não posso fazer nada, deu-me isto... agora não posso fazer nada... e agora o que quero é vir para aqui. Porque se estiver em casa estou sozinha sem ninguém em casa... e agora estou contente de estar aqui, estou muito, até para bem devia vir ao Domingo e tudo.” (U6)

“Para eu não estar sozinha, eu já lá no hospital resolvi vir para aqui. Tive um acidente. E depois fui, fui para o hospital, estive lá perto de três meses. Depois vim, vim para aqui... não podia andar na estrada, não podia trabalhar. Disse... olha, vou para o centro porque eu em casa não posso trabalhar e não posso andar na estrada.” (U7)

“E eu ficava só, ... ficava ali no meio de quatro paredes, não é? Agora está tudo empregado, é melhor estar aqui que estar sozinho em casa. E para não a deixar preocupada (a filha), eu disse, olha que eu vou

para o lar.” (U7)

“...tinha que dar trabalho aos meus sobrinhos. E... para não ter que dar trabalho... vim para aqui. Então eu ia agora perder uma coisa destas, para estar em casa fechada ” (U8)

Portanto, os motivos da procura destes serviços prendem-se com diversos factores: a indisponibilidade dos filhos cuidarem, ou a ausência de outros familiares que possam cuidar dos seus parentes, a falta de saúde e de autonomia que impossibilita o cuidar de si próprio e a realização de tarefas domésticas, e a (in)dependência, ou seja, a necessidade de não “sobrecarregar” terceiros.

Excepcionalmente é mencionado um caso de maus-tratos familiares, que motivou a frequência do centro social.

“A minha vinda para cá, quem decidiu foi a senhora da Assistência Social, a Senhora Doutora. A Sr.^a Dr.^a começou a saber... comunicaram aquilo que ela me fazia e ela arranjou uma maneira para eu vir para aqui.” (U2)

Quando questionada sobre este assunto, uma das técnicas da centro social refere que a procura de um serviço de qualidade, que responda às carências da população, constitui o principal motivo da afluência, cada vez maior, verificada no centro social.

“Bom... de certa forma os centros sociais existem de certa forma para suprir carências... não é, que a família não consegue responder...O objectivo é procurarmos de facto e neste momento, sermos um serviço de qualidade... sem dúvida...” (T3) E de facto como a população está a envelhecer...e... isso... estas infra-estruturas tem que aparecer... por uma necessidade de responder às carências da população...” (T3)

3.4 - Articulação entre o centro social e a família/sociedade

Relativamente à articulação entre o centro social e a família/ sociedade, a mesma é entendida pelos idosos sob ponto de vista do contacto com os familiares que os visitam no centro social, contacto esse mais desejado do que aquilo que se verifica.

“Sim, (recebo) muitas (visitas), de sobrinhos e de pessoas amigas” (U1)

“Aqui vem esse meu neto que estava em casa, o mais novo...também já cá vieram os mais velhos, já cá vieram umas duas vezes ou três”. (U2)

“Há cá amigos, mas eu fui criada com eles (os familiares) e parece que tenho pena de não os ver, pronto... Mas o que é que eu hei-de fazer... não os posso obrigar a vir... (U2)

“Recebo (visitas) da família...às vezes, porque como estão muito longe...” (U3)

“E a minha irmã mora lá perto do largo da feira ... e de maneira que ela não pode caminhar assim muito por isso vem raras vezes, raras vezes”. (U4)

Assim, é notório o afastamento por parte de determinados familiares de alguns utentes, como atesta a citação seguinte, de uma das técnicas do centro social:

“...as pessoas que vêm para aqui têm histórias de muita amargura e muitos são..., vêm mesmo para aqui depositados, porque as famílias nem querem saber, não tomam iniciativas para ajudá-los o mais possível.” (T1)

Ainda no que toca à articulação com a comunidade envolvente são feitas actividades em parceria com entidades locais como a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal, com alguma regularidade.

“Na minha opinião, fazem-se várias coisas sim, levamos utentes a centro, a cafés e esse tipo de coisas, feiras... Levamos outras vezes lá para fora para o meio da comunidade, abrimos as portas à comunidade para fazer voluntariados, para virem visitar, para, para as festas que fizeram ainda há pouco tempo no infantário. Pronto, tentamos que haja uma abertura de parte a parte mas nem sempre é fácil, pronto, também porque os utentes são pessoas muito dependentes e eles irem para a sociedade também lhes custa um bocadinho...” (T1)

“É assim, em relação, nomeadamente à freguesia, bem, há duas vertentes, há a parte da freguesia, que normalmente promovem concertos de Natal, exposições e que convidam sempre. Mesmo quando temos a colaboração dos espaços para fazermos nós uma actividade , fora, nós temos aqui bons espaços na, na nossa freguesia, temos o centro hípico, a casa do Cruzeiro... tem um excelente auditório, estão sempre disponíveis. Mesmo o pavilhão que temos aqui... também já fizemos lá alguns jogos, algumas actividades acho que a nível de articulação com a freguesia corre muito bem, nunca nos disseram que não. A nível da Câmara também há alguns projectos em parceria e também há alguma articulação. (...) (T2)

Há, também, uma abertura do centro a actividades de voluntariado.

“Nós nunca nos fechamos, qualquer pessoa que cá venha, qualquer pessoa que se proponha cá a vir, as portas sempre estarão abertas...”(T2)

Todavia, um dos membros da direcção sentia que existia alguma segregação do centro social em relação à comunidade, havendo a necessidade e vontade expressa em melhorar a articulação do centro com a família e a comunidade envolvente, aspecto que tem vindo a ser melhorado.

“É assim, desde que assumi esta direcção, foi um dos aspectos que eu procurei estimular... e isto... estava muito fechada em si própria...E entretanto... pronto... quer através das angariações de publicidades, quer através de patrocínios... quer através de um sem número de intervenções... tentei que as pessoas viessem cá dentro, aqui à instituição... Participassem em situações que... em actividades, para que começassem a mostrar aquilo que sabem... e aquilo que se está a fazer cá dentro...Porque cada vez mais os critérios de qualidade exigem... que haja um processo individual...Portanto há aqui já também por trás... também uma exigência de qualidade, que obriga a que a instituição tenha mesmo que se relacionar mais com os familiares...Aqui o lar... eu julgo que não demoraremos muito a... melhorar esse aspecto... Exactamente e até por força dos critérios de qualidade... Mas julgo que sim... que há uma necessidade aqui de melhorar... alguns aspectos...” (T3)

Logo, inferimos que há necessidade de melhorar este aspecto da vida do centro, nomeadamente, através de uma maior articulação e participação quer das famílias quer da comunidade envolvente.

3.5 - Perspectivas face à animação sociocultural no centro social

Na esfera cultural, pudemos verificar que no centro são promovidas algumas actividades no âmbito da animação sociocultural, designadamente trabalhos de expressão plástica, ginástica e passeios.

Para além disso, os utentes ocupam muitas vezes o tempo livre com actividades de lazer, usufruindo dos recursos existentes na própria instituição, nomeadamente jornais, cartas e televisão.

“às vezes jogo cartas, outras vezes leio o jornal, leio livros...” (U1)

“estava aqui a fazer um crochezinho e entretenho-me assim” (U3)

“aqui o que eu faço assim mais importante é ali ... portanto, na sala de convívio, na sala de leitura)e de vez em quando umas voltas na carrinha, a gente vai dar um passeio ...Leio os jornaizitos ... e vejo a televisão, gosto muito de ver a televisão, ver os programas de televisão”. (U4)

“Às vezes jogamos as cartas, mas às vezes não se joga, estamos na conversa ... falo com as minhas colegas; ou vamos dar uma volta aqui ou ali, às vezes vamos à feirinha...” (U5)

Os utentes gostam de participar em actividades de animação sociocultural mediante o seu interesse e possibilidade.

“Eu gosto de fazer tudo, quando estou bem disposta e faço, às vezes estão a fazer coisinhas e chamam-me...” (U5)

“Fiz muitas rosetas, muitas coisas, desenhos, olhe, ela fazia os riscos e a gente preenchia aquilo tudo, assim... a gente fazíamos ali umas coisas, umas rosetas, fazíamos assim certas coisas de mão, está bem, fazíamos, mas eu já faço pouca coisa, muitas vezes é para estar de pé e eu não posso... Aqui não venho trabalhar, quando fazia aquelas coisas, eu fazia muita coisa, agora não se faz nada, não faço nada. Olho para a televisão.”(U6)

“...às vezes resolvem fazer umas flores... uma coisa qualquer, o que elas entender fazer, elas ensinam-nos e a gente faz. Tenho ali um amigo... que também sabe jogar e distraímo-nos a jogar cartas.” (U7)

Apesar de se realizarem algumas actividades de animação sociocultural, muito tempo livre é passado sem qualquer ocupação. O tempo livre que existe sem actividades socioculturais, recreativas ou outras é sentido pela maioria das pessoas, que ora se resignam, ora se entediam.

“Pois já não há nada com que a gente se distraia. Mas se estiver a ver televisão e sem fazer nada, fico chateada” (U3)

“Sim, isso que me esteja a afectar, não me está afectar.... mas sinto que existe isso, sinto. (U4)

“Agora não vamos fazer nada, não faço nada. Estou a ver os outros, todos ali sentados a conversarem, a jogar cartas...” U6)

“Vêm cá duas (professoras) fazer ginástica com a gente. E hoje é uma, e à sexta-feira é outra. Mais nada.” (U8)

Quando questionado sobre a Animação Sociocultural, o pessoal técnico responsável menciona que a mesma tem por objectivo proporcionar o bem-estar dos utentes a nível físico, psíquico e social, exercendo uma influência positiva a nível emocional e afectivo.

“Proporcionar o conforto, o bem-estar físico e psíquico... o acompanhamento... permanente aos utentes que já é o que acontece. Ocupação dos tempos livres, para eles também não ficarem sobre as recordações, também há pessoas que têm uma vida um bocado dura, acaba por ser prejudicial para eles também estar sempre a pensar nas mesmas coisas...” (T1)

“...eu acho que a animação serve, por exemplo, para isso. Para conhecer, para participar, para conviver ... uma série de coisas (...) a integração, a integração no grupo, a integração na comunidade, é a ocupação de tempos livres também, evita a passividade, a inércia, eles estão muito parados, muito, orientar um bocadinho mais o pensamento deles para coisas activas...”(T2)

Porém, a falta de recursos humanos afecta negativamente o desenvolvimento de actividades de Animação Sociocultural, que acaba relegada para segundo plano.

“a verdade é que a animadora não consegue fazer tudo, tem muitas funções sobre ela (...) tem que fazer muitas tarefas, para além da animação, e isso rouba-lhe um bocadinho de tempo (...) mas se eles tivessem mais ocupados...era uma forma de se separarem um bocadinho dos problemas familiares e ter outras vivências...” (T1)

“Mas acima de tudo há falta de recursos humanos é preciso rentabilizar noutros lados e os cuidados básicos têm que ser atendidos na hora, que é mesmo assim, enquanto que a animação acaba por ficar um bocadinho à margem.” (T2)

Uma das soluções propostas para a resolução deste problema seria:

“Reformular as actividades de cada pessoa cá dentro para libertar mais a animadora das funções que tem, como, por exemplo, dar a medicação, como às vezes dá, ou repor produtos de higiene nos carros ..., por exemplo, esse tipo de funções não lhe competia a ela.” (T1)

Posto isto, pensamos que há necessidade de melhorar a vida do centro social, nomeadamente, através de uma maior articulação e participação quer da família quer das gerações mais novas que frequentam o centro social, que é expressa nas citações seguintes:

“Ocupar os idosos... ocupar... mas sobretudo não os fazer sentir sozinhos, ou que estão isolados... onde estão velhos e que ninguém quer... os que dão muito trabalho... os que ficam na cadeira de rodas...Deviam sentir-se parte integrante da vida da centro social... E isso devia misturá-los com a própria actividade da centro social... as próprias actividades dos meninos...Pronto... haver esta mistura... não haver... núcleos... parece que se criou assim... agora núcleos... lá em baixo é os meninos... aqui são os idosos...Gostava de ver essa situação diluída...Portanto na parte da animação

sócio cultural... que já referiu... uma maior articulação... Uma maior participação... uma envolvimento maior com a família e com as gerações mais novas... (T3)

Em suma, a Animação Sociocultural é vista de uma forma abrangente, não tendo como função somente ocupar o tempo livre de forma aleatória. Ela assume propósitos mais profundos e importantes como a integração e inclusão social. Aliás, em nosso entender, ela deve ajudar na concretização dos próprios objectivos do centro social, que foram referidos anteriormente, como sendo:

“Criar condições para que o residente possa explicitar as suas capacidades criadoras participando activamente na vida do lar”;

“Organizar serviços biopsicossociais que ofereçam respostas às necessidades dos idosos”;

“Promover o encontro dos idosos entre si e destes com a comunidade em geral”;

Para que estes objectivos fossem atingidos, o centro social propunha-se, no Regulamento Interno que consultámos, proporcionar o “funcionamento regular de actividades socio-recreativas, adequadas às necessidades” dos utentes. Todavia, nem sempre isso foi observado. Muitas vezes, o próprio funcionamento do centro social, com horários e rotinas rígidas, acabava por tornar a vida dos idosos muito restrita e programada e por dificultar a tarefa da animadora, bem como a execução de qualquer projecto. Por exemplo, de manhã, por volta das 10h rezava-se o terço, às 10h e 30min tomava-se o lanche da manhã, às 12h era servido o almoço e às 16h o lanche da tarde, às 17h efectuava-se o transporte dos idosos de centro de dia para as suas residências familiares. Assim, apenas uma hora no período da manhã, entre as 11h e as 12h, e duas horas no da tarde, entre as 14h e 16h, eram destinadas a actividades culturais e recreativas

Apesar de no centro social serem desenvolvidas actividades de animação sociocultural, dirigidas à terceira idade, sob a orientação da animadora social responsável pela valência de lar e centro de dia⁶ (ver anexos V e VI), ainda sobra

⁶ Actividades essas que estão de acordo com um plano anual/mensal de actividades e um projecto de animação, da responsabilidade da mesma técnica, a que tivemos acesso e que podem ser consultados nos anexos V e VI.

bastante tempo livre aos idosos, caracterizado por uma grande inactividade, facto corroborado pelas afirmações dos próprios utentes, já descritas anteriormente.

Constatámos ainda, pelas conversas que tivemos com as técnicas, que apesar de funcionarem no mesmo centro social diferentes valências, de lar, centro de dia, jardim-de-infância e centro de A.T.L., os contactos entre idosos e crianças eram esporádicos (como por exemplo em festas de Natal, Carnaval...). Daí que nos pareceu pertinente o estabelecimento de uma maior ligação entre ambas as gerações - necessidade sentida e expressa também pelas técnicas do centro social aquando da entrevista - numa tentativa de integrar o projecto de intervenção comunitária na vida global do centro.

Foi neste momento que o projecto de intervenção comunitária se começou a esboçar, sendo orientado para consciencializar os idosos da sua própria realidade implicando-os na dinamização do seu próprio ambiente.

Capítulo III – Desenvolvimento do Projecto de Intervenção Comunitária

1. Objectivos do Projecto de Intervenção

Tendo por base os dados recolhidos aquando da elaboração do diagnóstico, o projecto de intervenção foi desenhado tendo em conta os problemas identificados ao nível da animação sociocultural. Deste modo, estimulámos o grupo de idosos para que se auto implicasse na solução das suas carências. Assim, em reunião com o grupo de participantes através da técnica de “brainstorming”, surgiram sugestões de actividades que tinham como linha estruturante a interacção entre as diferentes gerações que faziam parte do centro social e a dinamização do ambiente através de actividades diferentes como foi o caso da oficina de pintura.

Antes de passarmos à descrição das actividades desenvolvidas, parece-nos importante começar por mencionar os objectivos que pretendemos atingir com o projecto.

Assim, apresentamos como objectivo geral do projecto:

- Promover a participação activa dos idosos através da animação sociocultural;

Como os objectivos específicos destacamos:

- Aumentar auto-estima a partir do processo de participação;
- Promover as relações inter-geracionais;
- Promover o desenvolvimento pessoal e social;
- Desenvolver atitudes positivas face à animação sociocultural;
- Promover a socialização;
- Dignificar o acolhimento e melhorar o bem-estar dos idosos;
- Aumentar a qualidade de vida dos idosos.

2. Recursos

Tal como refere Serrano (2008: 36) “é conveniente ter conhecimento, desde os momentos iniciais do diagnóstico, dos recursos, tanto humanos como económicos, de que podemos dispor para a realização de um projecto”. Assim, a

realização do projecto encetado mobilizou vários recursos, quer humanos, quer materiais, quer financeiros, os quais indicamos de seguida.

2.1 Recursos Humanos

Quanto aos recursos humanos envolvidos neste projecto, pudémos contar com a Educadora Social, envolvida na dinamização do projecto, responsável pela animação sociocultural do centro social nas valências de lar e centro de dia; um grupo de 8 idosos da estrutura residencial e do centro de dia que se voluntariaram para participar no projecto; as crianças do Jardim-de-Infância e as Educadoras de Infância, responsáveis pelos grupos de crianças; a Directora Técnica do centro, a Presidente da Direcção e um investigador.

2.2 Recursos Materiais

No que respeita a recursos materiais, estes foram diversificados consoante cada actividade levada a cabo, nomeadamente, material audiovisual como computador, gravador digital, máquina fotográfica, leitor de DVD, televisão, Leitor de CD's, instrumentos musicais, material de desgaste, como papel, tintas, colas, etc. e espaços físicos como salas para as reuniões e entrevistas realizadas e os encontros com os diferentes intervenientes.

2.3 Recursos Financeiros

Em relação aos recursos financeiros, não se assinalam despesas de maior. Foram alugados dois fatos para as personagens das histórias no valor de 10 euros cada um. Alguns recursos materiais foram disponibilizados pelo centro social, como leitor de CD's, televisão, material de desgaste... Outros recursos utilizados foram recursos pessoais do investigador, como o computador, leitor de DVD, instrumentos musicais... Pudemos contar com o patrocínio no valor de 400 euros, de uma empresa que solidariamente nos ajudou nos gastos com o material de desgaste da

oficina de pintura. Contámos ainda com o voluntariado da monitora da mesma oficina, pelo que não tivemos gastos com os seus honorários.

3. Execução do Projecto de Intervenção

Iniciámos a componente prática deste projecto no início do mês de Junho de 2009. Primeiramente fizemos a recolha de informações para análise e diagnóstico da realidade envolvente (cujos resultados se apresentaram atrás), através de entrevistas e observação participante (técnicas já mencionadas anteriormente). Feitos o diagnóstico e a análise dos dados, começou-se a delinear a planificação e calendarização das actividades do projecto.

De acordo com o exposto na tabela cronológica seguinte, incluímos uma calendarização geral do projecto, assinalando as diferentes fases e actividades que foram sendo desenvolvidas.

Fases	Actividades	2009							2010			
		J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A
Diagnóstico	Pesquisa Bibliográfica											
	Observação Participante											
	Entrevistas Individuais											
	Caracterização da Instituição											
Planificação	Reuniões de Grupo											
	Planificação de Actividades											
Aplicação	Desenvolvimento do Projecto											
Avaliação	Avaliação do Projecto											

As fases de diagnóstico e planificação duraram sensivelmente três meses, entre Junho e Agosto de 2009. Durante estas fases, efectuaram-se visitas periódicas ao centro social para estudar o dia-a-dia do centro e a forma como estava organizado, através de observação participante. Toda esta fase envolveu uma série de procedimentos importantes para a elaboração do projecto como a recolha de informações, conhecimento e selecção dos participantes, realização de entrevistas, reuniões com o grupo de idosos e com as técnicas da instituição, nomeadamente

com a animadora sociocultural das valências de lar e centro de dia e com as educadoras de infância das valências de creche e jardim-de-infância, para se definirem objectivos e actividades para o projecto com base nas necessidades detectadas.

Delineado o projecto pelos participantes, a sua aplicação e execução estendeu-se por um prazo de mais quatro meses. Os encontros foram sendo realizados cerca de duas a três vezes por semana, entre as 11h e as 12h, numa das salas de convívio do centro social e tinham a duração de 45 minutos a uma hora no máximo.

A 1ª sessão de trabalho prático com o grupo - após a fase de diagnóstico feita nos meses de Junho e Julho - teve lugar na primeira semana de Agosto. Nesta primeira sessão reunimos com a animadora do centro social e com os idosos com o objectivo de se fazer o levantamento de ideias para o projecto. A estratégia utilizada foi a discussão em grupo com recurso à técnica de “brainstorming”. Esta técnica mostrou-se bastante adequada, uma vez que o grupo conseguiu reunir uma série de ideias muito proveitosas para o projecto. A ideia que mais consenso reuniu foi a que prevaleceu, ou seja, a ideia de assumirem o papel de contadores de histórias para os meninos do jardim-de-infância. Esta ideia era vista com entusiasmo mas com reticências ao mesmo tempo. Isto porque, a ideia agradava, mas os idosos não se achavam capazes de levar a cabo tal empreitada, fazendo comentários depreciativos acerca de si mesmos encarando-se como incapazes de serem bem sucedidos. Uma outra ideia que surgiu foi a criação de uma oficina de pintura, que também era do agrado da maioria das idosas que participaram neste projecto. Para isso procurou-se entre os contactos de pessoas amigas ou familiares dos utentes alguém que pudesse ter mãos hábeis ou formação na área. Antes do final desta primeira sessão calendarizámos em conjunto os dias das reuniões seguintes, ficando acordado que seriam feitas em média duas reuniões/sessões por semana.

Na 2ª sessão com o grupo de idosos, na mesma semana, utilizou-se um conjunto de livros com contos/histórias/lendas populares. Alguns contos eram conhecidos dos participantes, outros não. Como alguns idosos não sabiam ler, contámos em voz alta algumas histórias de modo a que despertasse neles o gosto por alguma delas. Depois de ouvidas as histórias, as mesmas foram sendo

seleccionadas consoante os gostos manifestados e de acordo com as datas que se avizinhavam. Assim foram seleccionadas três lendas populares para serem trabalhadas e apresentadas às crianças do jardim-de-infância nos meses seguintes: a lenda do rei que queria ser feliz; a lenda da sopa de pedra e a lenda de São Martinho. Seleccionadas as histórias, procedemos à calendarização das mesmas. Foi feita a marcação das respectivas datas de apresentação das histórias às crianças do jardim-de-infância, de acordo com a disponibilidade das educadoras de infância que também reuniram connosco. Assim, nesta sessão ficou estabelecido que a primeira história seria apresentada a 8 de Setembro, em comemoração do Dia Mundial da Alfabetização; a segunda história seria apresentada no dia 16 de Outubro, em comemoração do Dia Mundial da Alimentação e a terceira história seria apresentada no dia 11 de Novembro em comemoração do Dia de S. Martinho.

Na segunda semana de Agosto, reunimos novamente. Nesta 3ª sessão fizemos a distribuição dos papéis das personagens das histórias a cada um dos participantes, dependendo das personagens que cada idoso gostaria de desempenhar, consoante os gostos e a capacidades de cada um. Seguidamente começamos com o ensaio da leitura das histórias, onde cada um assumia o seu papel progressivamente.

Já numa 4ª sessão, os idosos elaboraram a decoração dos cenários da primeira história a ser trabalhada. Para a elaboração dos cenários, foram necessários vários materiais como: papel de cenário, pincéis e tintas, cola, algodão, tesouras, etc. Esta actividade foi muito divertida para todo o grupo de idosos mas também cansativa. Alguns elementos pintavam os cenários sentados pois tinham dificuldade em se manterem de pé sem as suas bengalas. Esta actividade de construção de cenários prolongou-se por mais duas sessões, a 5ª e a 6ª sessões, até estar totalmente finalizada.

Na 7ª sessão com o grupo de idosos, procedemos à gravação das vozes dos idosos que interpretavam as diferentes personagens, com recurso a um gravador digital. Os elementos do grupo nunca tinham experimentado gravar a sua própria voz e a experiência foi motivo de gozo e divertimento para todos. O objectivo da gravação das vozes era servir de apoio aquando da apresentação da dramatização da primeira história, pois os idosos tinham dificuldade em decorar os seus papéis,

devido a problemas de memorização, pelo que esta opção nos pareceu mais adequada. Desta forma, os participantes puderam sentir-se mais seguros na sua actuação.

No 8º encontro com o grupo, que se deu já na terceira semana de Agosto, iniciámos o processo de recolha e construção de adereços para a dramatização da 1ª história, como por exemplo peças de vestuário simples, coroa para o rei, cinto para o lavrador, espada para o cavaleiro, decoração de um cesto de vime com ferramentas próprias para a agricultura (uma foice e um ancinho) e espigas de milho. As peças de vestuário mais complicadas eram difíceis de fazer e como já não tínhamos muito tempo disponível para as confeccionar, elas foram alugadas por mim numa loja especializada em máscaras de carnaval, com a concordância de todos.

A esta altura já o relacionamento com os idosos era muito próximo. O clima de entreajuda e cooperação era muito gratificante para todos.

Na semana seguinte, tal como combinado na última sessão, reunimos novamente no que seria o 9º encontro, desta vez para discutirmos ideias sobre a apresentação da 2ª história – a lenda da sopa de pedra – uma vez que os preparativos da 1ª história já estavam todos adiantados. Assim, procedemos primeiramente à leitura do texto da 2ª história – a lenda da sopa de pedra. Alguns idosos teceram comentários acerca da moral da história após a leitura. Em seguida demos lugar a discussão de ideias sobre a apresentação desta história às crianças. Para que a apresentação da segunda história fosse diferente da primeira, sugeri a realização de uma fotonovela, técnica aprendida aquando da formação no âmbito do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Os idosos aderiram com entusiasmo à ideia, depois de explicados os procedimentos. Assim, passamos mais uma vez à atribuição das personagens a cada idoso, consoante os gostos manifestados e a capacidade de cada um, à semelhança da primeira história.

Na mesma semana, reunimos novamente, pela 10ª vez, para ensaiarmos a dramatização da 1ª história novamente. Aí tivemos oportunidade de fazer alguns melhoramentos em relação ao último ensaio.

Ainda nesta última semana de Agosto, voltámos a reunir uma terceira vez, para a realização do ensaio geral da 1ª história que iria ser apresentada dia 8 de Setembro. Neste 11º encontro foi feito o ensaio geral, e tendo sobrado ainda

bastante tempo, decidimos começar a tirar fotografias para a elaboração da 2ª história em moldes de fotonovela, utilizando como recurso uma máquina fotográfica digital. O idoso que vestia a pele da personagem do “frade” nesta segunda história, usou uma indumentária de frade que o padre da freguesia de Cesar nos emprestou gentilmente, quando lhe explicámos os propósitos do uso da farda. Para a realização das fotografias utilizámos vários espaços do exterior do centro social incluindo o jardim, o pátio e a horta.

Chegado o dia 8 de Setembro os idosos fizeram a apresentação da 1ª história à comunidade – “A lenda do rei que queria ser feliz” na sala azul do centro, por ser mais funcional para o efeito. Contámos com a presença de vários elementos que faziam parte da instituição: a animadora social, que nos acompanhou durante o processo, as educadoras de infância e as crianças do jardim infantil; a directora técnica; a directora executiva; familiares dos idosos e pessoal auxiliar do centro social.

Após a apresentação da história as crianças do jardim infantil fizeram perguntas às personagens e reuniram-se na sala de convívio do centro para a realização de ilustrações alusivas à 1ª história. Esta actividade juntou as diferentes gerações num momento de convívio e partilha de experiências muito enriquecedora para ambas as partes.

Neste dia ficou decidido que o nosso próximo encontro seria no final da segunda semana de Setembro. Nesta data procedemos à escolha das fotografias tiradas anteriormente para a elaboração da 2ª história em moldes de fotonovela. O resto do processo foi feito usando uma das ferramentas do Office - o PowerPoint. Este trabalho mais individual foi apresentado ao grupo quando terminado, dias mais tarde. Os idosos mostraram apreço e agrado pelo resultado obtido.

Assim, a partir da 3ª semana de Setembro reunimos novamente para dar voz às imagens e foi feito o ensaio das narrações e dos diálogos da história. Para a visualização das imagens em PowerPoint utilizámos um computador portátil ligado ao televisor da sala azul onde nos encontrávamos a ensaiar. A narração da história não foi gravada desta vez. A narração e os diálogos foram feitos directamente ao vivo utilizando as impressões em suporte papel, que os idosos foram lendo à medida que iam passando as imagens da fotonovela.

Na semana seguinte, 4ª semana de Setembro, reunímos novamente para novo ensaio da narração da 2ª história, por duas vezes. A cada vez que ensaiávamos iam surgindo novas ideias e a história ia-se compondo.

No dia 16 de Outubro, em comemoração do Dia Mundial da Alimentação, os idosos apresentaram à comunidade do centro a 2ª história. A esta altura eram conhecidos pelas crianças do jardim-de-infância como os “contadores de histórias”. Como recursos utilizou-se um computador portátil; uma televisão que funcionou como projector de vídeo das imagens do computador e material impresso. Neste dia foi confeccionada uma “sopa de pedra” em comemoração do Dia Mundial da Alimentação pela chefe de cozinha da instituição, tendo sido colocada uma pedra na sopa de cada idoso e de cada criança ao almoço em simulação da lenda contada.

Concluída esta etapa, o grupo de idosos preparou a dramatização da lenda de São Martinho, durante as semanas seguintes. Realizaram-se mais quatro sessões com o grupo para: (i) construção de adereços para a 3ª história; (ii) ensaios da dramatização da história com recurso a instrumentos musicais de percussão; (iii) gravação da voz da narradora; (iv) construção de adereços e da capa da personagem que fazia de São Martinho.

Mais uma vez foi chegado o dia da apresentação da 3ª história. Os idosos “puseram mãos na massa” e assumiram plenamente o seu papel de “contadores de histórias”. A apresentação decorreu na sala de convívio do Jardim-de-Infância, para todos os elementos da comunidade educativa e alguns familiares dos idosos que tiveram oportunidade de vir assistir. Os recursos para esta actividade foram o leitor de CD’s, cartolinas, adereços para a caracterização das personagens, instrumentos musicais simples, como castanholas para fazer o som do cavalo, paus de chuva, maracas...

À semelhança da apresentação das histórias anteriores, foram realizados trabalhos de expressão plástica alusivos à história, pelas crianças do Jardim-de-Infância, que foram afixadas no painel do átrio do Jardim-de-Infância.

Uma das metas deste projecto era também a dinamização de uma oficina de pintura, em conformidade com os desejos de várias idosas que tinham apetência e gosto pessoal por esta área. Para isso foi dirigido um convite a uma artista de Cesar, que o aceitou. Procedeu-se, então, à aquisição e organização de materiais para a

constituição da oficina de pintura, que a partir de Novembro foi orientada pela pintora que passou a colaborar em regime de voluntariado no Centro Infantil e Social de Cesar, uma vez por semana. As peças e trabalhos elaborados pelos utentes do CISC foram objecto de exposição e venda no Natal.

4. Avaliação

Para Serrano (2008:81) “a avaliação é um processo de reflexão que permite explicar e avaliar os resultados das acções realizadas.” É pela avaliação que nos damos conta dos erros de modo a podermos corrigi-los, por isso a avaliação é tida como um meio para melhorar as nossas práticas. A autora refere que apesar da avaliação apresentar limitações e dificuldades ela é considerada como “um elemento constitutivo de qualquer processo educativo e está presente em todo o esboço de uma intervenção, desde a identificação de necessidades até aos objectivos traçados para a intervenção, o processo da sua realização ou execução e a etapa final dos resultados” (Idem:81).

Em suma, a avaliação não faz parte apenas da fase final de um projecto, ela deve ser uma tarefa sistemática pois “deve estar presente desde o início até ao fim do mesmo com o propósito de controlar a forma como se alcançam os resultados, as lacunas existentes no processo, os aspectos não previstos que vão surgindo na aplicação do projecto, a adequação ou inadequação das actividades” (Idem:81). No momento da avaliação devemos dar resposta aos objectivos e metas que nos propusemos atingir, ou seja, determinar em que medida os objectivos propostos foram alcançados, bem como determinar os erros e os efeitos negativos.

Podemos dizer que a avaliação inicial deste projecto foi feita aquando do diagnóstico e permitiu fazer o ponto de partida do mesmo. Teve como objectivo conhecer as pessoas do centro social, identificar os problemas e as suas causas. Tendo por base estes dados recolhidos na fase de diagnóstico, foram feitas propostas de resolução que procuraram dar resposta às necessidades sentidas pelos idosos e pelos responsáveis do centro social.

Durante a avaliação do processo utilizamos a observação participante como técnica de recolha de dados, através da qual avaliámos os níveis de participação dos idosos que se mostraram sempre cooperantes e participativos, salvo quando evidenciavam sinais de fadiga, devido a problemas de saúde, como dores de coluna ou dificuldade em se manterem em pé. Nestes casos, o tempo da actividade era redefinido em função da predisposição dos participantes ou eram incorporadas na

actividade técnicas adaptadas às circunstâncias. Exemplos disso foram as pausas durante as actividades e a utilização de cadeiras aquando da realização daquelas, reajustes no horário das actividades de modo a não interferir com outras rotinas diárias como a reza do terço.

Na fase final do projecto utilizámos a entrevista de grupo (ver anexo VII) como técnica de recolha de dados sobre o projecto, que nos permitiu fazer uma avaliação correcta e fiável do mesmo, tendo em conta os depoimentos dos participantes. As opiniões presentes nos depoimentos dos entrevistados serviram para dar respostas às incógnitas da avaliação. Aqueles foram gravados, mediante autorização prévia dos entrevistados, em gravador digital e posteriormente foi feita a transcrição dos mesmos, para análise.

A análise de conteúdo feita à transcrição dos depoimentos dados na entrevista de grupo (ver anexo VIII) permitiu-nos avaliar os resultados do projecto sob quatro prismas diferentes: o da auto-estima, o das relações sociais, o do divertimento e do desenvolvimento pessoal, conforme se apresenta de seguida:

4.1. Auto-estima

Nos momentos de diálogo com os idosos acerca do projecto pudemos constatar que eles se sentiram valorizados pelos outros:

“Ora bem, eu... julgo que foi um bom trabalho, porque esse trabalho foi apresentado aos meninos, em parte, e suponho que os meninos que gostaram muito e que ficaram realmente a saber algo dos velhos.”

“Eu não senti dificuldade nenhuma e até suponho que as crianças que ficam a olhar para gente com bom sentido.”

“Tenho a certeza que há aí crianças que ainda daqui a 20 anos, ou 30 ou 40, se lembram do que passaram aqui com os velhinhos do lar. Tenho a certeza disso! Assim como eu enquanto for vivo e a minha cabeça regular, também sinto a convivência que tive com as crianças.”

“A gente chega lá, eles sentam-se todos no meio do chão, parecem pintainhos de volta da gente, só isso já tem muita graça.”

Por isso pensamos que o projecto contribuiu para a valorização pessoal e para o aumento da auto-estima dos participantes, que foi possível através do processo de participação activa no projecto.

4.2. Relações Sociais

Barros de Oliveira (2008: 81), no que concerne às relações sociais diz-nos que se assiste na velhice “a uma progressiva redução da actividade social, devido a

diversos factores e perdas: reforma, viuvez, independência dos filhos, perda de autonomia, perda de amigos, etc”.

O projecto fomentou o convívio social e interacção entre diferentes gerações, promovendo as relações inter-geracionais, como podemos apreciar nas seguintes falas:

“Fizemos com as crianças a sopa da pedra, o S. Martinho, com a trovoada, a chuva, o sol ...”

“Apresentámos às crianças e a pessoas adultas, e aos familiares que lá estavam.”

“Nós falávamos coisas sérias e eles (as crianças)⁷ estavam atentos a olhar para a gente.”

“Eles vinham mais vezes brincar com a gente e a gente ia brincar com eles.”

“Eles perguntavam quando é íamos lá outra vez.”

“Eles perguntavam quando é que vinham cá, quando é que havia uma festa, [...] eles querem é festa!”

“Eles chegam aqui e... como estão habituados, já cá temos feito convívios com eles, eles chegam aqui e sentam-se onde a gente mandar.”

Contrariando, assim, a tendência para o isolamento social e a introversão.

4.3. Divertimento

O projecto propiciou momentos de “festa”, ócio e lazer para os participantes favorecendo a comunicação e a expressão durante os momentos de convívio.

“Foi uma festa.”

“ [...] aquela festa que a gente fez, fomos lá ao infantário, eles gostaram muito...”

“Claro, brincávamos com eles.”

“Estivemos num salão ali à beira da igreja (Salão Paroquial)”.

4.4. Desenvolvimento Pessoal

Os participantes consideraram o projecto útil e interessante:

“O trabalho foi útil, como digo. Eu gostei!”

“Interessante, foi interessante.”

Para além disso, sentiram-se capazes de assumir um importante papel como protagonistas na pele de contadores de histórias, contrariando os sentimentos de inutilidade que na primeira abordagem ao projecto manifestavam.

⁷ Nota nossa.

“Sempre gostei, e gosto, de evoluir e de aprender e ensinar, e pronto... gostei de conviver...”

“Eu sinto-me capaz. Sinto-me capaz ainda de fazer o meu papel.”

Por isso, achamos que o projecto foi ao encontro dos objectivos, pois promoveu a participação activa dos idosos e contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social que, de acordo com Rosa Lima, constitui também uma das finalidades da investigação participativa:

“ (...) o primeiro propósito da investigação participativa (...) é o desenvolvimento dos actores sociais, enquanto indivíduos e enquanto colectivos/grupos” (Lima:2003,349).

Rosa Lima diz-nos ainda que “no caso da animação comunitária/investigação participativa, a avaliação é parte integrante da investigação; ela faz parte dos processos de conhecimento, de acção transformadora, de formação.” (Lima,2003:358). A mesma autora refere também que num projecto:

“não se pode avaliar apenas a produtividade por referência às condições iniciais; o que se conseguiu e o que não se conseguiu deve ser cruzado com os recursos e os obstáculos durante todo o processo. Naturalmente ela (a avaliação)⁸ deve ser feita em primeiro lugar por referência às finalidades e objectivos propostos. Especialmente em investigação social, há que considerar as finalidades e também os objectivos” (Idem:358)

Tendo em conta o exposto anteriormente e a relação/adequação com os objectivos propostos no nosso projecto, consideramos que os mesmos foram atingidos com sucesso, apontando ainda como positivo, no âmbito da avaliação do projecto, o seguinte: (i) o mesmo partiu das próprias capacidades dos idosos; (ii) teve em conta as limitações de cada um, como por exemplo, o facto de não conseguirem memorizar os textos das histórias, optando-se pela gravação das vozes, no caso da primeira e da última história, e pela leitura directa no caso da segunda história; (iii) possibilitou a realização por parte dos idosos de experiências novas e actividades nas quais assumiram o papel de protagonistas e não espectadores; (iv) fomentou o trabalho de grupo e dinamizou a vida dos participantes ao longo do projecto; (v) seguiu uma metodologia activa baseada num

⁸ Nota nossa

clima de participação e integração do idoso em todo o processo; (vi) constituiu-se como uma iniciativa de custo financeiro muito reduzido alcançando ainda assim numerosos benefícios para os seus participantes.

Também se pode constatar o alcance do nosso projecto pelos convites que o centro social recebeu de entidades locais, como a Escola Básica de 1º Ciclo e a Biblioteca de Cesar, no sentido de os idosos mostrarem as suas realizações culturais à comunidade. Desta forma, o projecto teve um maior impacto e uma maior visibilidade no exterior, prevenindo e evitando o isolamento.

Não obstante, apesar de todos os aspectos positivos mencionados e do interesse que o projecto teve para os seus participantes, foram tidos em conta também os aspectos negativos, pois só assim poderia ser uma análise justa e rigorosa do nosso trabalho. Assim especificamos os seguintes aspectos negativos: (i) o limite temporal do projecto, que consideramos de curta duração, o que não permitiu um maior desenvolvimento e visibilidade do trabalho como o que gostaríamos que tivesse havido; (ii) o número reduzido de participantes que não permitiu uma generalização maior do projecto; (iii) a curta duração das actividades intergeracionais, que não permitiu desenvolver o potencial deste tipo de experiências educativas; (iv) a incerteza quanto à continuidade do trabalho iniciado, por parte da instituição, o que compromete a efectiva mudança que se pretendeu operar com este projecto; (v) a dificuldade em conseguir patrocínios para despesas inerentes ao projecto, ainda que o mesmo tenha sido de baixo custo; (vi) a utilização de outras técnicas, para além da entrevista, que fornecessem mais dados sobre a avaliação do projecto, como a aplicação de questionários.

Todavia, consideramos que o projecto de intervenção social e comunitária desenvolvido contribuiu positivamente para a dinamização da participação activa dos idosos do centro social objecto deste estudo e consequente melhoria na auto-estima e no desenvolvimento pessoal e social dos participantes, bem como o fomento das relações entre gerações.

Reflexão Final

A história da civilização mostrou-nos um aumento da esperança média de vida dos seres humanos “consequência das múltiplas mutações científicas, políticas, económicas e sociais” (Palmeirão, 2002:35). Os estudos demográficos indicam que o número de pessoas idosas é cada vez maior e continua em crescimento.

“ A evolução demográfica mundial indica que o número de pessoas idosas se mantém em crescimento e, de *indivíduos raros e respeitados* os idosos são cada vez mais numerosos, constituindo um grupo distinto *com recursos limitados e com uma influência cada vez menos importante*.

Ser velho é, ainda hoje, uma problemática que suscita ansiedade, pois, o seu prestígio social altera-se conforme a época e a sociedade em que se inserem. Talvez por isso, muitos são os estudos elaborados no sentido de responder a estas e outras angústias relacionadas com a senescência e sobretudo com o papel atribuído a estes indivíduos na sociedade.”(Idem:35)

O envelhecimento provoca uma série de mudanças tanto biológicas como físicas, psicológicas e sociais. Consequentemente, esta realidade exige soluções ao nível político, económico, cultural e sobretudo educativo.

Todos sabemos que a educação desempenha um papel fundamental na socialização dos sujeitos, pois, como assinala Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987:79). A educação visa ainda o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, no sentido de exercerem plenamente a sua cidadania e a socialização é considerada uma das suas principais funções. Aliás, no entender de Arroteia (1998:27) “a socialização é, sem dúvida, a que reveste maior interesse, uma vez que dela dependem a maior parte das aprendizagens que estão na base do desenvolvimento pessoal e humano de qualquer indivíduo”. Não só a escola, mas também os meios de comunicação social, o grupo de amigos, a família, a igreja e a própria comunidade local têm um papel importante no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

“É no seio das comunidades e do comunitário que o desenvolvimento pode e deve transferir as suas iniciativas (...) possibilitando a participação activa das pessoas nos processos de mudança que se precisam e induzem, porque importa reconhecer nelas a sua condição de sujeito e não de mero objecto da acção social” (Callejas, Freitas e Gómez, 2007:8/9)

Foi neste sentido que direccionámos o nosso projecto de educação social e intervenção comunitária, pois achamos urgente repensar estratégias no plano social e educativo para um sector da população que tem vindo a crescer cada vez mais e que é tantas vezes estereotipado negativamente e desvalorizado. Porque achamos importante contribuir para o bem-estar e para a qualidade de vida dos idosos e vemos como Callejas, Freitas e Gómez, (2007: 305) que a tarefa de educar é “um trabalho valioso e valorizável para um melhor futuro da humanidade”.

Ao longo deste trabalho verificámos com pesar que muitas pessoas idosas que vivem em instituições de acolhimento recebem poucas visitas. A sua ligação com a comunidade exterior envolvente é pouco frequente, por isso torna-se necessário estimulá-las para que participem em actividades e se relacionem uns com os outros e até com outras gerações, de modo a sentirem-se parte activa da sociedade. Jacob (2008:37) alerta-nos para a “falta de *acontecimentos de vida* nas instituições”, onde os dias são muitas vezes marcados apenas pelas rotinas diárias.

Se é certo que as instituições para idosos devem responder às necessidades mais básicas dos indivíduos como a alimentação, higiene e cuidados de saúde, é igualmente importante a vida e ocupação social dos mesmos. Parafraseando Jacob (2008:37):

“...a animação é quase sempre o *parente pobre* das prioridades das instituições, sejam públicas ou privadas com ou sem fins lucrativos. Estas dirigem os seus recursos (humanos, materiais e financeiros) principalmente para a higiene, saúde e alimentação do idoso, e só se sobrar tempo e alguns meios se preocupam com a animação. Esta é considerada secundária e sem grande validade. A maioria das organizações limita-se a fazer alguns passeios, duas ou três festas anuais e a comemorar o aniversário dos idosos, se tanto.

No entanto, se a animação for encarada ao nível dos outros serviços pode contribuir, e muito, para o cuidado do idoso e para a melhoria da sua qualidade de vida”.

Assim, é necessário que se promova a participação democrática dos idosos na vida das instituições que os acolhem, de acordo com as capacidades de cada um. A educação social através da animação sociocultural pode aqui desempenhar um papel importante, através da elaboração de projectos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida do idoso institucionalizado, tanto mais que estas instituições representam muitas vezes a última “morada” do idoso nesta vida.

Assim, reiteramos que a principal função da educação social para a terceira idade é a de assegurar o cumprimento dos direitos dos idosos consagrados nos “Princípios das Nações Unidas para o Idoso”⁹ (ver anexo IX) como os de:

“Permanecer integrado à sociedade, participar activamente na formulação e implementação de políticas que afectam directamente seu bem-estar e transmitir aos mais jovens conhecimentos e habilidades”;

“Aproveitar as oportunidades para prestar serviços à comunidade, trabalhando como voluntário, de acordo com seus interesses e capacidades”;

“Aproveitar as oportunidades para total desenvolvimento de suas potencialidades”;

“Ter acesso aos recursos educacionais, culturais, espirituais e de lazer da sociedade”.

“Ter acesso a meios apropriados de atenção institucional que lhe proporcionem protecção, reabilitação, estimulação mental e desenvolvimento social, em um ambiente humano e seguro.”

“Ter acesso a serviços sociais e jurídicos que lhe assegurem melhores níveis de autonomia, protecção e assistência.”

“Desfrutar os direitos e liberdades fundamentais, quando residente em instituições que lhe proporcionem os cuidados necessários, respeitando-se sua dignidade,

⁹ Resolução 46/91, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas (16/12/1991)

crença e intimidade. Deve desfrutar ainda o direito de tomar decisões quanto à assistência prestada pela instituição e à qualidade de sua vida.”

Para que estes direitos sejam assegurados, é também imperativa a criação de condições que permitam a participação social do idoso, através de projectos e programas direccionados para a terceira idade, que estimulem os idosos à participação e que os façam acreditar que ainda são capazes de defender os seus interesses.

Nunes (Janeiro, 2009:19) ressalta a importância dos estudos feitos por vários autores, como Nunes e Peixoto (1994) e Frutuoso (1996), os quais confirmam que “os programas de idosos operam mudanças em seus participantes quanto ao resgate da auto-estima, superação de doenças, recuperação da memória, propiciando novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas habilidades. Além disso, favorecem também o desenvolvimento da sociabilidade.”

Com o projecto de intervenção comunitária realizado pretendemos dar o nosso contributo nesse sentido. Por isso escolhemos a metodologia da animação sociocultural uma vez que a mesma se destina a melhorar a realidade envolvente e se baseia numa pedagogia activa que promove a participação dos sujeitos. Desta forma fomos ao encontro do objectivo principal do nosso projecto – promover a participação activa do idoso institucionalizado. Para além disso, este trabalho ajudou-nos a compreender melhor a necessidade de desenvolver projectos de intervenção educativa na área da gerontologia, no intuito de semear nas gerações futuras o respeito e a valorização dos idosos.

De facto, de acordo com Palmeirão (2002:42) é necessário “acabar com a visão redutora da velhice como um grupo que não obedece aos cânones da sociedade actual, onde se clama por valores como juventude, beleza, produtividade e consumo”. Isto é, é preciso acabar com os preconceitos acerca da velhice ainda muito enraizados na cultura ocidental.

A autora (Idem:43) diz-nos que “as novas investigações gerontológicas e conhecimentos sobre a ancianidade vão desmistificando antigas superstições, de forma a que, hoje, a velhice comece a ser encarada como um processo natural, onde é possível conciliar a longevidade com a dignidade, o respeito, a auto-estima”. No entanto, a mesma autora acrescenta que:

“ (...) apesar do importante desenvolvimento da gerontologia, pouco se tem progredido no sentido de acabar com a imagem de indigência e do idadismo associada ao envelhecimento” (Idem:43)

Ou seja, apesar de todo o desenvolvimento que se tem verificado ultimamente em áreas como a gerontologia, os progressos no sentido da desmistificação da velhice têm sido pouco significativos. O que nos leva a concluir que muito trabalho ainda tem de ser feito neste domínio do conhecimento.

A Educação Social em parceria com outras áreas científicas tem então um papel fundamental na construção do conhecimento bem como na mudança de comportamentos e atitudes face a este sector da população tantas vezes negligenciado. Esse papel pode ser desempenhado através de projectos de intervenção comunitária na área da educação social pois, como nos diz António Petrus (1997:32) “una de las funciones de la educación social es, además de dar respuesta a las necesidades existentes”. Trata-se de “educar para la comunidad, en la comunidad y con la comunidad com vista à transformação social e ao desenvolvimento humano.

Com o projecto desenvolvido pretendemos dar o nosso contributo para novas demandas de educação social, nomeadamente no que diz respeito às questões relevantes da velhice e do processo de envelhecer.

Bibliografia

ANDER-EGG, Ezequiel (2001). Metodología e Práctica de la Animación Sociocultural. Madrid: Editorial CCS.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1998). Análise Social e Acção educativa. Aveiro: Universidade de Aveiro.

BARDIN, Laurence (2009). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, Lda.

BEAUVOIR, Simone de (1990). A velhice. O mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. (4ª edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CALLEJAS, Gérman Vargas, FREITAS, Orlando M. Pereira de, GÓMEZ, José António Caride (2007). Educação e Desenvolvimento Comunitário. Perspectivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade. Porto: Profedições, Lda.

CARVALHO, Adalberto Dias de (2002). *Dilemas das Representações Contemporâneas da Velhice*. In Universidade Portucalense (org.). **“Terceira Idade: uma questão para a Educação Social”**. Porto: Departamento de Ciências Históricas e da Educação da Universidade Portucalense, pp. 7-9.

CARVALHO, Adalberto Dias de e BAPTISTA, Isabel (2004). Educação Social - Fundamentos e estratégias. Colecção Educação e Trabalho Social. Porto: Porto Editora.

CENSOS 2001, Resultados preliminares: XIV recenseamento geral da população: IV recenseamento geral da habitação, Lisboa: I.N.E.

- ESTEVEES, A. Joaquim (1994). Jovens e Idosos, Família, Escola e Trabalho. Biblioteca das Ciências e do Homem. Porto: Edições Afrontamento.
- FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus (2004). O idoso e a criança: o significado da relação ao contar histórias. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/SP
- FERREIRA-ALVES, José e FERREIRA NOVO, Rosa (2006). Avaliação da discriminação social em pessoas idosas em Portugal. In *International Journal of Clinical and Health Psychology*, Vol.6, nº1, pp.65-77.
- FODDY, William (1996). Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevista e questionário. Oeiras: Celta Editora.
- FORTIN, M. F. (2003). O processo de Investigação: da concepção à realização. Loures: Lusociência.
- FREIRE, Paulo (1987). Pedagogia do Oprimido. Colecção Leitura. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Colecção Leitura. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- GOMES, Carlos Costa (2008). Villa Cesari. Um tempo de vida, um tempo de história. César: Associação de Cultura e Desporto de César.
- GÓMEZ, José António Caride (1997). *Paradigmas Teóricos na Animação Sociocultural*. In TRILLA, Jaume (coord.). **Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos**. Lisboa: Instituto Piaget.

GRAVE, Rita Maria Vieira (2008). Satisfação com a vida e materialismo: idosos e idosas pobres a viver sós. Diss, Aveiro: Secção Autónoma das Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

INE (2007). Dia Internacional do Idoso. Informação à Comunicação Social. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa. Consultado em Julho de 2009. http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUE_Sdest_boui=5546132&DESTAQUESmodo=2

ITÚRRA, Raul (1987). Trabalho de campo e observação participante. In Silva, A.S. e PINTO, J.M. (org). Metodologia das ciências sociais. Porto: Edições Afrontamento.

JACOB, Luís (2008). Animação de Idosos. Actividades. Colecção Idade do Saber. (4ª Edição). Porto: Âmbar.

LIMA, Margarida Pedroso. (2004). Envelhecimento e perdas: como posso não me perder? In *Psycologica* , 35, 133-145.

LIMA, Rosa de Jesus de Sousa (2003). Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local, Investigação Participativa, Animação Comunitária. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. (dissertação de doutoramento)

LOMBARDI, Maíra Ivone. (2005). Lazer como prática educativa: as possibilidades para o desenvolvimento humano. Diss, Campinas, S.P.: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

LOPES, Marcelino de Sousa. (2008). Animação Sociocultural em Portugal. (2ª Edição) Chaves: Editora Intervenção.

- LOPES, Marcelino de Sousa. (2009, Agosto) O futuro da animação sociocultural. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Consultado em Agosto de 2009. In <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&source=hp&q=marcelino+de+sousa+lopes&meta=&aq=0&oq=Marcelino+de>
- MAURITTI, Rosário (2004). *Padrões de Vida na Velhice*. In *Análise Social*, Vol. XXXIX, (171), 339-363.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Direcção-Geral da Saúde (2004). Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas. Divisão das Doenças Genéticas, Crónicas e Geriátricas. www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/...9E74.../i006346.pdf
- MINOIS, Georges. (1999). *História da Velhice no Ocidente*. Lisboa: Teorema.
- NUNES, Alzira Tereza G. L. (2009, Janeiro). Serviço social e universidades de terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. Consultado em Janeiro de 2009. In <http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/BRASI004.pdf>
- OLIVEIRA, José H. Barros de (2008). *Psicologia do Idoso. Temas Complementares*. Coleção Livpsic. Porto: Legis Editora.
- OSÓRIO, Agustín Requejo (1997). *Animação sociocultural na terceira idade*. In TRILLA, Jaume (coord.). **Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos - Instituto Piaget.
- PALMEIRÃO, Cristina Maria Gomes da Costa (2002). *Derrubar para mudar*. In Universidade Portucalense (org.). **“Terceira Idade: uma questão para a Educação Social”**. Porto: Departamento de Ciências Históricas e da Educação da Universidade Portucalense, pp. 35-49.

PAÚL, M. Constança (1997). Lá para o fim da vida: Idosos, família e meio ambiente. Coimbra: Livraria Almedina.

PAÚL, M. Constança (2010, Janeiro). Envelhecimento Activo e Redes de Suporte Social. Departamento de Ciências do Comportamento. Universidade do Porto. Consultado em Janeiro de 2010. In http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&source=hp&q=PA%C3%9AL%2C+M.+Constan%C3%A7a+%28%3F%29.+Envelhecimento+Activo+e+Redes+de+Suporte+Social.+&btnG=Pesquisa+do+Google&aq=f&aql=&aql=&oq=&gs_rfai=

PAÚL, M. Constança e FONSECA, António M. (coord.) (2005). Envelhecer em Portugal. Psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi Editores.

PETRUS, António (1997). *Concepto de Educación Social*. In PETRUS, António (coord.). **Pedagogia Social**. Barcelona: Editorial Ariel.

RAMOS, Emílio Lúcio-Villegas (1993). La investigación participativa en educación de personas adultas: La construcción de un saber colectivo. [s.l.] Editorial Kronos.

SERRANO Gloria Pérez (1997). *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. In TRILLA, Jaume (coord.). **Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos - Instituto Piaget.

SERRANO, Gloria Pérez (2008). Elaboração de projectos sociais. Casos práticos. Marques, Maria Isabel (trad.). Porto: Porto Editora.

SIMÕES, António (2006). A Nova Velhice. Um novo público a educar. Colecção Idade do Saber, nº5. Porto: Âmbar.

- SOUSA, Liliana e FIGUEIREDO, Daniela. (2003). (In)dependência na população idosa: um estudo exploratório na população portuguesa. In *Psychologica*, 33, 109-122.
- TERRASÊCA, Manuela (1996). Tratamento das informações recolhidas: análise de conteúdo. Inferências subjacentes à estruturação das práticas docentes: análise dos discursos dos(as) professores (as). Diss.,FPCE – Universidade do Porto.
- TRILLA, Jaume (coord) (1997). Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos. Lisboa: Horizontes Pedagógicos - Instituto Piaget.
- VAZ, Ester et al (2004). Reconfiguração da Concepção de Velhice em Portugal. Coimbra: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. In http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/EsterVAz_RudolphVanHoven.pdf
- VELOSO, Esmeraldina (2004). Políticas e Contextos Educativos para os Idosos: Um Estudo Sociológico Numa Universidade da Terceira Idade em Portugal. Braga: Universidade do Minho.
- VELOZ, Maria C. T. (1999). Representações sociais do envelhecimento. In *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Vol. 12, nº 2, Porto Alegre. In http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200015
- VIEIRA, Cristina M. C. (1995). A Investigação Participativa: uma investigação com as pessoas e não sobre as pessoas. Diss, Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Sites Consultados:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3731.pdf> Consultado em Janeiro de 2009.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/908/10/10%20-%20ficheiro%203%20cap%C3%ADtulo%202%20da%20p.pdf>

Consultado em

Janeiro de 2009.

<http://www2.ucg.br/flash/artigos/0309envelhecimento.html>

Consultado em Fevereiro

de 2010.

Legislação:

Decreto-Lei nº 119/83 de 25 de Fevereiro

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Decreto->

[Lei+n%C2%BA+119%2F83+de+25+de+Fevereiro&meta=&rlz=1W1ADBF_pt-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Decreto-Lei+n%C2%BA+119%2F83+de+25+de+Fevereiro&meta=&rlz=1W1ADBF_pt-)

[BR&aq=f&oq](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Decreto-Lei+n%C2%BA+119%2F83+de+25+de+Fevereiro&meta=&rlz=1W1ADBF_pt-BR&aq=f&oq) Consultado em Julho de 2009.

Outros Documentos:

Prospectos da Junta de Freguesia de Cesar.

Regulamento Interno do Centro Social e Infantil de Cesar (CISC).

Anexo I

Guião de Entrevista aos Utentes Idosos

Guião de Entrevista aos Utentes Idosos

Caracterização

Nome

Local de residência

Com quem vive

Idade

Nacionalidade

Naturalidade

Habilitações

Profissão

Estado Civil

Número de filhos (sexo e idade)

Questões

1. Há quanto tempo frequenta este Centro Social?
2. Porque escolheu vir para este Centro Social?
3. O que considera mais importante no Centro Social?
4. Que importância considera que o Centro Social tem na sociedade actual?
5. Que serviços é que mais valoriza?
6. Que relação existe entre o Centro Social e a família/sociedade?
7. Como é passado o tempo livre? Que actividades costuma fazer?
8. Participa em alguma(s) actividade(s) promovidas pelo Centro? Em quais participa?
9. Considera importante ocupar o seu tempo livre?
10. Quem decide as actividades a realizar?
11. Costuma dar sugestões de actividades a realizar? Se, sim, quais? Se não, porquê?
12. Que actividades gostaria de ver promovidas?
13. Se pudesse mudar algo no Centro Social, que mudança faria?
14. Para si o que seria um Centro Social amigo dos idosos?

Anexo II

Guião de Entrevista às Técnicas do Centro Social

Guião de Entrevista às Técnicas do Centro Social

Caracterização

Nome

Local de residência

Com quem vive

Idade

Nacionalidade

Naturalidade

Habilitações

Profissão

Estado Civil

Número de filhos (sexo e idade)

Questões

1- Há quanto tempo trabalha neste Centro Social?

2 - O que considera mais importante ao nível dos serviços prestados no Centro Social?

3 - Que importância considera que o Centro Social tem na sociedade actual?

4 - Quais considera que deveriam ser os objectivos destes espaços?

5 - Acha que são cumpridos?

6 - Acha que as actividades de ocupação de tempos livres são adequadas aos interesses dos utentes?

7 - Qual a finalidade da animação sociocultural para idosos?

8 - Que articulação existe entre o Centro Social e a família/sociedade?

9 - Se pudesse mudar algo no Centro Social, que mudança faria?

10 - Para si o que seria um Centro Social amigo dos idosos?

Anexo III

Termo de Consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro ter recebido da professora Cláudia Andreia Leal Valente, aluna do mestrado em Ciências da Educação – área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, todos os esclarecimentos sobre o Projecto de Investigação em Educação Social e Intervenção Comunitária, nomeadamente sobre as condições de realização e anonimato.

Concordo participar voluntariamente no estudo e autorizo a recolha de dados para os fins da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2009.

Assinatura: _____

Anexo IV

Grelha de Análise das Entrevistas (Técnicas e Idosos

Grelha de Análise das Entrevistas (Técnicas e Idosos)

Código	Categoria	Frases Ilustrativas	Inferências
C1	Aspectos mais valorizados na centro social	<p>“Acima de tudo o conforto dos utentes e o bem-estar deles. Sentirem-se como se estivessem nas suas casas é um bocado impossível porque não é as suas casas, não é tão personalizado. Mas acima de tudo a amizade entre os utentes, entre as funcionárias, a disponibilidade de cada uma para acompanhar o mais possível em termos de companhia, dar carinho também, sem entrar também em termos muito pessoais, além de profissional (...) conforto, estabilidade, lazer, qualidade nos serviços, acho que passa um bocadinho por aí, desde que eles se sintam bem, é o mais importante.”(T1)</p> <p>“Os cuidados primários de alimentação, cuidados de higiene, acho que é muito importante, e depois outra vertente, claro que na minha perspectiva está ao mesmo nível é a parte de entretenimento, de animação, da animação sociocultural mais especificamente. Sendo esta a minha área, não posso deixar de valorizar... mas também acho que é muito importante eles estarem integrados na comunidade desta forma, sentirem-se activos de alguma forma, não é só ter os cuidados necessários, é também participar noutras actividades, noutras, noutros contextos, acho que é muito importante.” (T2)</p> <p>“É tudo... não consigo encontrar nada que seja... que tenha menor importância... desde as crianças... aos idosos... ao bom funcionamento... a termos os equipamentos todos em bom funcionamento. Tudo me preocupa e tudo é importante... Porque é tudo, que faz a casa que temos...” (T3)</p> <p>“Portanto, o que eu admiro mais é, realmente, o trabalho de algumas empregadas, (...) a paciência de algumas empregadas.” (U1)</p> <p>“Comer a horas, roupa lavadinha, cama feita, lavam a gente, especialmente aqueles que já não podem” (U1)</p> <p>“É cama feita, roupa lavada, comer, o que é que a gente tem a dizer?” (U2)</p> <p>“É a atenção” (U3)</p> <p>“É conviver com todos” (U6)</p> <p>“O mais importante é não nos faltar nada... de alimentação, roupa lavada e passada a ferro e posta no nosso roupeiro. Portanto, para ser amigo dos idosos tem que ser um lar que não falte nada... cadeirinhas de rodas para quem não pode andar...”(U8)</p>	<p>A prestação de serviços de qualidade, ao nível de equipamentos e funcionamento, que garantam a satisfação das necessidades básicas.</p> <p>Para além dos cuidados primários, considera-se muito importante a integração dos utentes na comunidade, a sua inclusão social, a sua estabilidade afectiva e emocional.</p> <p>A satisfação das necessidades básicas de alimentação, higiene e saúde bem como a atenção e a convivência social, são os aspectos mais valorizados pelos utentes que frequentam o centro social, bem como a dedicação demonstrada pelas funcionárias do centro social.</p>
C2	Importância da centro social para a Sociedade	<p>“Cada vez mais importante, porque dado o ritmo de vida de agora, as pessoas não se podem dar ao luxo de estar em casa a tomar conta dos seus familiares idosos, têm que ir trabalhar e alguém tem que tomar conta deles porque é mesmo assim. Então, aí têm que recorrer aos centros sociais... porque apesar de haver muito desemprego as pessoas não podem desistir de procurar, para fazer pela vida, e não há o backup</p>	<p>A importância destes centros é cada vez maior para a sociedade para responder às carências da população</p>

		<p>familiar, não é... Falta de apoio familiar e então daí a necessidade..." (T1)</p> <p>"(...)as famílias já não têm o mesmo tempo que tinham para cuidar de pessoas com problemas, sejam eles mentais, físicos. Agora toda a gente trabalha, tem contexto profissional, os filhos, nomeadamente os idosos que nós cá temos, e então de alguma forma sabem que eles cá estão, estão a ser bem tratados, estão bem cuidados e eu acho que é muito importante que casas como esta, que prestam esse tipo de serviços, cada vez mais, acho que é muito importante." (T2)</p> <p>"Eu acho que tem toda... porque neste momento... nós como estamos implantados numa zona muito industrial... A parte infantil é muito importante que exista, para libertar os pais para os que tenham...que começar cedo a sua actividade...senão... E os inválidos... porque infelizmente, cada vez mais vivemos em apartamentos... E cada vez mais as mulheres trabalham... e deixamos de estar disponíveis para tomar conta dos nossos pais...Ou seja, às vezes se calhar nem temos condições físicas para podermos ter os nossos pais... connosco." (T3)</p> <p>"Ah, eu acho isto muito importante. E se não achasse isto importante... para a sociedade humana, não teria sequer contribuído, quer com dinheiro... para este lar ... fiz parte da comissão de obras e da angariação de fundos". (U4)</p> <p>"Um lar amigo dos idosos é a nossa segunda família. É a nossa segunda família. (U4)</p> <p>"Porque me sinto aqui bem, e gosto de toda a gente e toda a gente gosta de mim." (U5)</p> <p>"É bom para quem não tem quem olhe por eles, pelos velhinhos, ou não tenha filhos" (U8)</p>	<p>O Centro é bastante valorizado pelos utentes, assumindo o papel de substituto da família. A sua importância destaca-se no plano da afectividade, com a criação de novos laços relacionais. O centro social é visto como um local de inclusão.</p>
C3	Motivos que levam à frequência da centro social	<p>"Bom... de certa forma os centros sociais existem de certa forma para suprir carências... não é, que a família não consegue responder... O objectivo é procurarmos de facto e neste momento, sermos um serviço de qualidade... sem dúvida..." (T3)</p> <p>E de facto como a população está a envelhecer...e... isso... estas infra-estruturas tem que aparecer... por uma necessidade de responder às carências da população..." (T3)</p> <p>"Eu deixei de poder...era viúvo E então era preciso lavar a roupa, era preciso cozinhar, era preciso limpar a casa... E então, resolvemos optar por um lar."(U1)</p> <p>"(...)feliz daquele, ou daquela que chega a esta idade e tem possibilidade de pagar a estadia num lar assim, porque de facto não nos falta coisa nenhuma, não nos falta nada." (U1)</p> <p>"A minha vinda para cá, quem decidiu foi a senhora da Assistência Social, a Senhora Doutora. A Sr.ª Dr.ª começou a saber... comunicaram aquilo que ela me fazia e ela arranhou uma maneira para eu vir para aqui." (U2)</p> <p>"...o meu marido também não se podia ter em casa não,</p>	<p>A procura de um serviço de qualidade que responda às carências da população.</p> <p>Os motivos que levam os sujeitos a frequentar o Centro são diversos, nomeadamente a solidão, motivada pela viuvez, a falta de saúde e de autonomia que impossibilita o cuidar de si próprio e a realização de tarefas domésticas, a ausência de familiares que possam cuidar dos seus parentes e a (in)dependência.</p> <p>Excepcionalmente é mencionado um caso de maus-tratos familiares, que</p>

		<p>não podia, da maneira que ele já estava doente... disseram-nos: olhe, (...) o seu marido tem de ser internado, tem de ser já (...) eu era (vim) só para lhe fazer companhia e para ele não se sentir tão deslocado assim de repente." (U3)</p> <p>"Morei com os meus pais durante um tempo, depois eles faleceram (...) já vivia sozinho há uns anos (...) só tinha a viver assim próximo de mim a minha irmã (...) ela tem lá os hábitos dela, é costureira (...) e eu resolvi vir para aqui". (U4)</p> <p>"Elas (as filhas) queriam que eu viesse para aqui para não estar em casa sozinha, tinham medo de eu fugir por não andar bem da minha cabeça." (U5)</p> <p>"Olhe, foram eles (filhos)... que me mandaram vir para aqui e eu no princípio não queria vir (...) Não estava habituada a sair de casa, não queria e podia cozinhar bem, podia trabalhar e ia à loja (...) Agora não posso fazer nada, deu-me isto... agora não posso fazer nada... e agora o que quero é vir para aqui. Porque se estiver em casa estou sozinha sem ninguém em casa... e agora estou contente de estar aqui, estou muito, até para bem devia vir ao Domingo e tudo." (U6)</p> <p>"Para eu não estar sozinha, eu já lá no hospital resolvi vir para aqui. Tive um acidente. E depois fui, fui para o hospital, estive lá perto de três meses. Depois vim, vim para aqui... não podia andar na estrada, não podia trabalhar. Disse... olha, vou para o centro porque eu em casa não posso trabalhar e não posso andar na estrada." (U7)</p> <p>"E eu ficava só, ... ficava ali no meio de quatro paredes, não é? Agora está tudo empregado, é melhor estar aqui que estar sozinho em casa. E para não a deixar preocupada (a filha), eu disse, olha que eu vou para o lar." (U7)</p> <p>"...tinha que dar trabalho aos meus sobrinhos. E... para não ter que dar trabalho... vim para aqui. Então eu ia agora perder uma coisa destas, para estar em casa fechada" (U8)</p>	<p>motivou a frequência do centro social.</p>
C4	<p>Articulação entre a centro social e a Família / Sociedade</p>	<p>"...as pessoas que vêm para aqui têm histórias de muita amargura e muitos são..., vêm mesmo para aqui depositados, porque as famílias nem querem saber, não tomam iniciativas para ajudá-los o mais possível." (T1)</p> <p>"Na minha opinião, fazem-se várias coisas sim, levamos utentes ao centro, a cafés e esse tipo de coisas, feiras... Levamos outras vezes lá para fora para o meio da comunidade, abrimos as portas à comunidade para fazer voluntariados, para virem visitar, para, para as festas que fizeram ainda há pouco tempo no infantário. Pronto, tentamos que haja uma abertura de parte a parte mas nem sempre é fácil, pronto, também porque os utentes são pessoas muito dependentes e eles irem para a sociedade também lhes custa um bocadinho..." (T1)</p> <p>"É assim, em relação à, nomeadamente à freguesia, bem há duas vertentes, há a parte da freguesia, que normalmente promovem concertos de Natal, exposições e que convidam sempre. Mesmo quando temos a colaboração dos espaços para fazermos nós uma actividade e, fora, nós temos aqui bons espaços na, na nossa freguesia, temos o centro hípico, a</p>	<p>É notório o afastamento por parte dos familiares de alguns utentes.</p> <p>São feitas actividades em parceria com entidades locais como a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal, com alguma regularidade.</p> <p>Há uma abertura do centro social a actividades de voluntariado.</p> <p>Existia alguma segregação do centro social em relação à comunidade, aspecto que tem vindo a ser melhorado.</p> <p>Há necessidade de melhorar a articulação do centro com a família e a comunidade.</p>

		<p>casa do Cruzeiro... tem um excelente auditório, estão sempre disponíveis.</p> <p>Mesmo o pavilhão que temos aqui também já fizemos lá alguns jogos, algumas actividades acho que a nível de articulação com a freguesia corre muito bem, nunca nos disseram que não. A nível da Câmara também há alguns projectos em, em parceria e também há alguma articulação. (...) Nós nunca nos fechamos qualquer pessoa que cá venha, qualquer pessoa que se proponha cá a vir as portas sempre estarão abertas..."(T2)</p> <p>"É assim, desde que assumi esta direcção, foi um dos aspectos que eu procurei estimular... e isto... estava muito fechada em si própria...</p> <p>E entretanto... pronto... quer através das angariações de publicidades, quer através de patrocínios... quer através de um sem número de intervenções... tentei que as pessoas viessem cá dentro, aqui à centro social... Participassem em situações que... em actividades, para que comesçassem a mostrar aquilo que sabem... e aquilo que se está a fazer cá dentro...</p> <p>Porque cada vez mais os critérios de qualidade exigem... que haja um processo individual...</p> <p>Portanto há aqui já também por trás... também uma exigência de qualidade, que obriga a que a centro social tenha mesmo que se relacionar... mais com os familiares...</p> <p>Aqui o lar... eu julgo que não demoraremos muito a... melhorar esse aspecto...</p> <p>Exactamente e até por força dos critérios de qualidade... Mas julgo que sim... que há uma necessidade aqui de melhorar... alguns aspectos...</p> <p>Há uma carência bastante grande..."(T3)</p> <p>"Sim, (recebo) muitas (visitas), de sobrinhos e de pessoas amigas" (U1)</p> <p>"Aqui vem esse meu neto que estava em casa, o mais novo...também já cá vieram os mais velhos, já cá vieram umas duas vezes ou três". (U2)</p> <p>"Há cá amigos, mas eu fui criada com eles (os familiares) e parece que tenho pena de não os ver, pronto... Mas o que é que eu hei-de fazer... não os posso obrigar a vir... (U2)</p> <p>"Recebo (visitas) da família...às vezes, porque como estão muito longe..." (U3)</p> <p>"E a minha irmã mora lá perto do largo da feira ... e de maneira que ela não pode caminhar assim muito por isso vem raras vezes, raras vezes". (U4)</p>	<p>A articulação é entendida do ponto de vista do contacto com os familiares que os visitam no centro social, contacto esse mais desejado do que aquele que se verifica.</p>
C5	<p>Perspectivas face à Animação Sociocultural na centro social</p>	<p>"Proporcionar o conforto, o bem-estar físico e psíquico... o acompanhamento... permanente aos utentes que já é o que acontece.</p> <p>Ocupação dos tempos livres, para eles também não ficarem sobre as recordações, também há pessoas que têm uma vida um bocado dura, acaba por ser prejudicial para eles também estar sempre a pensar nas mesmas coisas..." (T1)</p> <p>"a verdade é que a animadora não consegue fazer tudo, tem muitas funções sobre ela (...) tem que fazer muitas tarefas, para além da animação, e isso rouba-lhe um bocadinho de tempo (...) mas se eles tivessem mais ocupados...era uma forma de se separarem um bocadinho dos problemas familiares e ter outras vivências..." (T1)</p> <p>"Reformular as actividades de cada pessoa cá dentro para libertar mais a animadora das funções que tem, como por</p>	<p>A Animação Sociocultural tem por objectivo proporcionar o bem-estar dos utentes a nível físico, psíquico e social.</p> <p>A Animação Sociocultural exerce uma influência positiva ao nível emocional e afectivo.</p> <p>Mas a falta de recursos humanos afecta negativamente o desenvolvimento de actividades de animação sociocultural, que acaba relegada para segundo plano.</p>

	<p>exemplo, dar a medicação, como às vezes dá, ou repor produtos de higiene nos carros ..., por exemplo, esse tipo de funções não lhe competia a ela.” (T1)</p> <p>“Distrair os utentes, ocupar-lhes o tempo e sobretudo proporcionar-lhes momentos agradáveis.” (T1)</p> <p>“Mas acima de tudo há falta de recursos humanos é preciso rentabilizar noutros lados e os cuidados básicos têm que ser atendidos na hora, que é mesmo assim, enquanto que a animação acaba por ficar um bocadinho à margem.” (T2)</p> <p>“...eu acho que a animação serve, por exemplo, para isso. Para conhecer, para participar, para conviver ... uma série de coisas (...) a integração, a integração no grupo, a integração na comunidade, é a ocupação de tempos livres também, evita a passividade, a inércia, eles estão muito parados, muito, orientar um bocadinho mais o pensamento deles para coisas activas...”(T2)</p> <p>“Muitos deles dizem “ tenho 90 anos já dei o que tinha a dar”... mas não, não deu o que tinha a dar, tem que dar ainda muito mais. E eles afastarem-se um bocadinho dos pensamentos do tipo “já dei o que tinha a dar” e a animação permite mesmo isso, eles sentirem-se úteis, capazes, quando há uma actividade” (T2)</p> <p>“Ocupar os idosos... ocupar... mas sobretudo não os fazer sentir sozinhos, ou que estão isolados... onde estão velhos e que ninguém quer... os que dão muito trabalho... os que ficam na cadeira de rodas... Deviam sentir-se parte integrante da vida da centro social... E isso devia misturá-los com a própria actividade da centro social... as próprias actividades dos meninos... Pronto... haver esta mistura... não haver... núcleos... parece que se criou assim... agora núcleos... lá em baixo é os meninos... aqui são os idosos... Gostava de ver essa situação diluída...” (T3)</p> <p>Portanto na parte da animação sócio cultural... que já referiu... uma maior articulação... Uma maior participação... uma envolvimento maior com a família e com as gerações mais novas... (T3)</p> <p>“ às vezes jogo cartas, outras vezes leio o jornal, leio livros...” (U1)</p> <p>“Participei sempre enquanto pude melhor um bocadinho. E continuo a participar dentro das minhas possibilidades... no Natal passado houve aí uma festa das crianças, crianças e nós velhos, e eu fui o Pai Natal” (U1).</p> <p>“Pois já não há nada com que a gente se distraia. Mas se estiver a ver televisão e sem fazer nada, fico chateada” (U3)</p> <p>“estava aqui a fazer um crochezito e entretenho-me assim” (U3)</p> <p>“Leio os jornaizitos ... e vejo a televisão, gosto muito de ver a televisão, ver os programas de televisão”. (U4)</p> <p>“aqui o que eu faço assim mais importante é ali ... portanto, na sala de convívio, na sala de leitura (...)e de vez em quando (...) umas voltas na carrinha, a gente vai dar um passeio ...gosto que façam aí palestras ... e eu interrompo para dizer isto e dizer aquilo, os meus pontos de vista, mas não tem passado disso”. (U4)</p>	<p>Há necessidade de melhorar este aspecto da vida do centro social, nomeadamente, através de uma maior articulação e participação quer da família quer das gerações mais novas que frequentam a centro social.</p> <p>São promovidas algumas actividades no âmbito da animação sociocultural, designadamente trabalhos de expressão plástica, ginástica e passeios.</p> <p>Os utentes participam em actividades de animação sociocultural mediante o seu interesse e possibilidade.</p>
--	---	--

		<p>“Sim, isso (tempo livre desocupado)... que me esteja a afectar, não me está afectar.... mas sinto que existe isso, sinto. (U4)</p> <p>“Às vezes jogamos as cartas, mas às vezes não se joga, estamos na conversa ... falo com as minhas colegas; ou vamos dar uma volta aqui ou ali, às vezes vamos à feirinha...” (U5)</p> <p>“Eu gosto de fazer tudo, quando estou bem disposta e faço (...)às vezes estão a fazer coisinhas e chamam-me...” (U5)</p> <p>“Fiz muitas rosetas, muitas coisas, desenhos, olhe, ela fazia os riscos e a gente preenchia aquilo tudo, assim... a gente fazíamos ali umas coisas, umas rosetas, fazíamos assim certas coisas de mão, está bem, fazíamos, mas eu já faço pouca coisa, muitas vezes é para estar de pé e eu não posso... Aqui não venho trabalhar, quando fazia aquelas coisas, eu fazia muita coisa, agora não se faz nada, não faço nada. Olho para a televisão.”(U6)</p> <p>“Agora não vamos fazer nada, não faço nada. Estou a, estou a ver os outros, todos ali sentados a conversarem, a jogar cartas...” U6)</p> <p>“...às vezes resolvem fazer umas flores... uma coisa qualquer, o que elas entender fazer, elas ensinam-nos e a gente faz. Tenho ali um amigo... que também sabe jogar e distraímo-nos a jogar cartas.” (U7)</p> <p>“...ainda no outro dia fizemos as marchas... Sem ser jogar cartas é estar sentada a ver televisão. Às vezes ir ouvir uma banda qualquer...” (U7)</p> <p>“...a gente reza o terço à tarde... acaba-se de rezar o terço, joga-se umas cartas, e depois vamos lanchar... e ainda ficamos com outro pedaço de tarde livre. Quando tal pega na carrinha (a animadora) e vamos passear. Ainda fomos ao Furadouro na sexta-feira... É jogar cartas, é dizer anedotas para a gente se rir. Sei lá...” (U8)</p> <p>“Vêm cá duas (professoras) fazer ginástica com a gente. É hoje (segunda)é uma, e à sexta-feira é outra. Mais nada.” (U8)</p>	<p>Os utentes ocupam o tempo livre com os recursos existentes no centro social, nomeadamente jornais, cartas e televisão.</p> <p>Apesar de se realizarem algumas actividades de animação sociocultural, o tempo livre sem ocupação existe e é sentido pela maioria das pessoas, que ora se resignam, ora se entediam.</p>
--	--	--	---

Anexo V
Plano Anual de Actividades do CISC (Lar e Centro de Dia)

Plano Anual de Actividades 2009

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Comemoração dos "Reis" ➤ Festa das "Fogaceiras"-Sta M. Feira ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Preparativos para o Carnaval ➤ Desfile de Carnaval "Os Músicos" ➤ Celebração do Dia dos Namorados ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Decoração da Primavera ➤ Passeio á Feira de Março ➤ Celebração do Dia do Pai ➤ Caminhada á serra da Freita ➤ Visita á feira Mensal ➤ Visita do grupo de jovens ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Páscoa (lembranças e distribuição de Amêndoas) ➤ Visita Pascal(leigos) ➤ Visita a uma Escola de Dança (dia mundial da dança 29) ➤ Visita do grupo de catequese ➤ Espectáculo pela "Chama"- S. Roque ➤ Visita à feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Passeio a Fátima ➤ Novenas ➤ Passeio e visita as termas das caldas de S. Jorge ➤ Celebração do Dia da Mãe ➤ Visita ao Museu do Chapéu (18- dia mundial dos Museus) ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sardinhada no monte da Srª. Abelheira ➤ Cascata ➤ Celebração da missa Sto. António em Silvares (dia-13) ➤ Realização do Boletim Semestral de actividades ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários
❖ Danças de Grupo	❖ Baile do Pijama	❖ Dia do Pai	❖ Desfile Primavera	❖ Visita ao lugar dos afectos - Aveiro	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Festa Sénior em Oliveira de Azeméis (19;20 e 21) ❖ Marchas Populares

JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
<ul style="list-style-type: none"> ➤ “ Passeio às Praias”: -Torreira; -Furadouro; -Esmoriz; -Espinho (almoço/ Lanche) ➤ Visita ao Museu Egas Moniz ➤ Festa Grande de Cesar ➤ Dia Mundial dos Avós (26) ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Visita à “Pia do Urso” ➤ Passeio à festa de Nª Srª da La-Salette ➤ Passagem de Barco entre S. Jacinto e Aveiro ➤ Cinema ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Mini – Cruzeiro das 3 pontes ➤ Festas das colheitas em Arouca/ Visita ao convento de Sta. Mafalda ➤ Visita ao parque das Nações e Oceanário ➤ Visita à feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dia Internacional do Idoso, da Música ➤ Visita á casa da Música no Porto e ao Parque da Cidade ➤ Visita ao Sº da Pedra e Sta. Mª Adelaide (almoço e lanche) ➤ Visita à exposição “ Os nossos Artistas” ➤ Visita à feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Celebração do S. Martinho ➤ Assistir a peça de Teatro ➤ Visita pelo Grupo Coral da Universidade Sénior ➤ Visita ao Museu/Fábrica da Vista Alegre ➤ Visita à feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Preparativos de Natal ➤ Concerto de Natal ➤ Almoço com a Direcção ➤ Espetáculo pelo artista Rui Amorim ➤ Consoada com familiares e residentes ➤ Realização do Boletim Semestral de actividades ➤ Visita á feira Mensal ➤ Comemoração dos aniversários
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Passeio de Barco “ ria de Aveiro” 		<ul style="list-style-type: none"> ❖ Convívio á Nª Sr.ª da Saúde em Vale de Cambra ❖ Passeio a Esposende 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Intercâmbio Institucional 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ “Magusto” em S. Martinho da Gandara ❖ Intercâmbio Institucional 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Encontro de Natal “ Um presente para Vós”

Anexo VI
Projecto de Animação do CISC



Centro Infantil e Social de Cesar

“ Idade da Sabedoria”

Projecto de Animação

Local: Centro Infantil e Social de Cesar

Responsável: Animadora Social do Centro social

«A importância da animação social das pessoas mais velhas é facilitar a sua inserção na sociedade, e a sua participação na vida social e, sobretudo, permitir-lhes desempenhar um papel, inclusive, reactivar papéis sociais.» (Henry, 2001, 11).

Este projecto desenvolve-se após um conhecimento aprofundado dos idosos que fazem parte do Lar, destas características destacam-se as características pessoais, valores, princípios, cultura, capacidades, dificuldades, gostos pessoais...

Não menos importante que o anterior é o conhecimento da comunidade envolvente: a nossa cultura, modos de vida, outras instituições, equipamentos e organizações sociais e culturais.

Nesta perspectiva “uma das funções chave da animação sociocultural consiste no facto de as pessoas e os colectivos se tornarem em agentes e protagonistas do seu próprio desenvolvimento...” (TRILLA, 2004: 255).

Tendo por base a mesma fonte, o animador deve “... gerar processos de participação, criando espaços para a comunicação dos grupos e das pessoas, tendo em vista estimular os diferentes colectivos a empreenderem processos de desenvolvimento social e cultural”.

Parece-nos importante que a sociedade no seu conjunto e que cada indivíduo tenha a percepção da necessidade de preparar o tempo de reforma e o tempo de inactividade, de forma a promover a qualidade de vida na terceira idade.

Este projecto surge de uma Pesquisa Participante, já que tem uma perspectiva pedagógica e participante que implica uma acção conjunta onde, Animador cultural e idosos, buscam em conjunto as opções mais adequadas para o desenvolvimento das acções.

1. Objectivos gerais, específicos e metas

1.1 Objectivos gerais

- Incrementar a ocupação adequada do tempo livre para evitar que o tempo de ócio seja alienante, passivo e despersonalizador;
- Proporcionar condições para a satisfação de necessidades básicas dos idosos;

• 1.2 Objectivos específicos

- Promover a inovação e novas descobertas
- Valorizar a formação ao longo da vida
- Proporcionar uma vida mais harmoniosa, atractiva e dinâmica com a participação e envolvimento do Idoso
- Contribuir para o aumento da qualidade de vida dos idosos e famílias;
- Proporcionar uma melhor visão de mundo, contribuindo com subsídios valiosos para uma política de resgate da cidadania destas pessoas.
- Rentabilizar os serviços e recursos comunitários para melhorar a qualidade de vida do idoso
- Valorizar as capacidades, competências, saberes e cultura do idoso, aumentando a sua auto-estima e auto-confiança

1.3 Metas

Pretende-se que haja um aumento na participação das actividades assim como satisfação dos idosos na sua execução.

2. Recursos humanos, materiais e financeiros

2.1 Recursos Humanos

- Equipa técnica do Lar
- Toda a comunidade envolvente;
- Animadora cultural;
- Ajudantes de acção directa.

2.2 Recursos Materiais

Os recursos materiais utilizados neste projecto serão diversificados e de acordo com as actividades que se irão desenvolver.

2.3 Recursos Financeiros

Os recursos financeiros serão sempre de acordo com a disponibilidade existente na Centro social.

2.4 Descrição das actividades

As actividades deverão ser planeadas conjuntamente com a equipa técnica e mediante um método adequado para a população alvo em questão.

Porém várias técnicas serão utilizadas tais como:

- Recortar
- Colar
- Estampar (com batatas, rolhas de cortiça, esponjas...)
- Impressão (de diferentes objectos)
- Modelagem: barro, pasta de papel, madeira, moldar, plasticina, massas de cor...
- Técnicas de Pintura
- Técnicas de Desenho
- Técnicas de colagem (diferentes materiais)
- Expressão Dramática; Teatro
- Expressão Musical
- Expressão psicomotora
- Expressão plástica; construções.
- Jogos pedagógicos
- Dança
- Histórias e contos populares
- Poemas; rimas e anedotas
- Visitas à comunidade, passeios
- Ciência divertida
- Culinária
- Jogos de mesa
- Jogos populares

- Jardinagem
- Tarefas agrícolas
- Actividades específicas: costura, bordados, rendas e tapeçaria, carpintaria
- Conversar
- Leitura de livros
- Pequenas ajudas nas tarefas do centro social
- Leitura e comentários de jornais e revistas
- Visionamento de filmes
- Actividades Interinstitucionais

Avaliação

A avaliação do projecto “ Ensinar e Aprender com a Terceira Idade...” será realizada ao longo do mesmo como parte do projecto, da sua planificação e desenvolvimento pois só assim conseguimos ajustar o mesmo as necessidades do grupo, mediante as respostas que vamos tendo.

A avaliação do Projecto é um processo contínuo que visa o constante aperfeiçoamento do mesmo. Este processo é desenvolvido com a participação activa dos vários intervenientes do Projecto, através de reuniões, inquéritos de opinião, entre outros.

No final de cada actividade será preenchido uma ficha de avaliação de actividade por todos os participantes para saber se os objectivos foram alcançados e qual o grau de satisfação de todos os intervenientes.

Os instrumentos que se irão utilizar para fazer essa mesma avaliação serão através da participação dos idosos, iniciativa, espírito de grupo, divertimento, execução, o que vai reflectir o seu grau de interesse (ver anexo1). Este será também o principal indicador de sucesso do projecto porque o mais importante será o interesse e satisfação de cada idoso e intervenientes através do trabalho que irá realizando.

Anexo VII

Guião de Entrevista em Grupo (Idosos)

Guião de Entrevista em Grupo (Idosos)

- 1 - Acha que a sua participação no projecto foi positiva? Porquê?
- 2 - Sentiu-se valorizado?
- 3 - O que achou da experiência de ser contador de histórias?
- 4 - Como é que se sentiram ao partilhar experiências com meninos de outras gerações?
- 5 - Acha que eles mostraram interesse? De que forma?
- 6 - Qual a relação que tinham com os meninos da pré, antes deste projecto?
- 7 - Vocês gostaram de trabalhar em conjunto? Entre vocês?
- 8 - Divertiu-se?
- 9 - O que aprendeu com o projecto?

Anexo VIII

Grelha de Análise das Entrevistas de Grupo (Idosos)

Grelha de Análise das Entrevistas de Grupo (Idosos)

Categorias	Frases ilustrativas	Inferências
Auto-estima	<p>“[...] já tive aqui uma altura [...] eu fui, como é que era o nome... eu fui o frade e as crianças ainda hoje dizem: “olha o frade!”</p> <p>“Senti alegria em os meninos gostarem!”</p> <p>“Eles gostaram!”</p> <p>“A gente sabia que estávamos a... a salientar-nos para eles nos entenderem.”</p> <p>“Ora bem, eu... julgo que foi um bom trabalho, porque esse trabalho foi apresentado aos meninos, em parte, e suponho que os meninos que gostaram muito e que ficaram realmente a saber algo dos velhos.”</p> <p>“Eu não senti dificuldade nenhuma e até suponho que as crianças que ficam a olhar para gente com bom sentido.”</p> <p>“Tenho a certeza que há aí crianças que ainda daqui a 20 anos, ou 30 ou 40, se lembram do que passaram aqui com os velhinhos do lar. Tenho a certeza disso! Assim como eu enquanto for vivo e a minha cabeça regular, também sinto a convivência que tive com as crianças.”</p> <p>“A gente chega lá, eles sentam-se todos no meio do chão, parecem pintainhos de volta da gente, só isso já tem muita graça.”</p>	Os idosos sentiram-se valorizados pelos outros e por isso o projecto contribuiu para a sua valorização pessoal e aumento da auto-estima, através do processo de participação.
Relações sociais	<p>“Fizemos com as crianças a sopa da pedra, o S. Martinho, com a trovoadas, a chuva, o sol ...”</p> <p>“Apresentámos às crianças e a pessoas adultas, e aos familiares que lá estavam.”</p> <p>“Estivemos num salão ali à beira da igreja (Salão Paroquial).”</p> <p>“Eles perguntavam quando é íamos lá outra vez.”</p> <p>“Eles perguntavam quando é que vinham cá, quando é que havia uma festa, [...] eles querem é festa!”</p> <p>“Eles chegam aqui e... como estão habituados, já cá temos feito convívios com eles, eles chegam aqui e sentam-se onde a gente mandar.”</p> <p>“Nós falávamos coisas sérias e eles estavam atentos a olhar para a gente.”</p> <p>“Eles vinham mais vezes brincar com a gente e a gente ia brincar com eles.”</p>	O projecto fomentou o convívio social e interacção entre diferentes gerações, promovendo as relações inter-geracionais
Divertimento	<p>“Foi uma festa.”</p> <p>“ [...] aquela festa que a gente fez, fomos lá ao infantário, eles gostaram muito [...]”</p> <p>“Claro, brincávamos com eles.”</p>	O projecto propiciou momentos de ócio e lazer para os participantes favorecendo a comunicação e a expressão
Desenvolvimento pessoal	<p>“O trabalho foi útil, como digo. Eu gostei!”</p> <p>“Houve continuidade. Como digo, houve continuidade.”</p> <p>“Eu sinto-me capaz. Sinto-me capaz ainda de fazer o meu papel.”</p> <p>“Interessante, foi interessante.”</p> <p>“Sempre gostei, e gosto, de evoluir e de aprender e ensinar, e pronto... gostei de conviver...”</p>	O projecto foi considerado útil e interessante para os participantes que lhe deram continuidade, tendo promovido a participação activa dos idosos e contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Anexo IX
Princípios das Nações Unidas para o Idoso

Princípios das Nações Unidas para o Idoso

Resolução 46/91 Aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas 16/12/1991

INDEPENDÊNCIA

Ter acesso à alimentação, água, moradia, a vestuário, à saúde, ter apoio familiar e comunitário.

Ter oportunidade de trabalhar ou ter acesso a outras formas de geração de renda.

Poder determinar em que momento deverá afastar-se do mercado de trabalho.

Ter acesso à educação permanente e a programas de qualificação e requalificação profissional.

Poder viver em ambientes seguros adaptáveis à sua preferência pessoal, que sejam passíveis de mudanças.

Poder viver em sua casa pelo tempo que for viável.

PARTICIPAÇÃO

Permanecer integrado à sociedade, participar activamente na formulação e implementação de políticas que afectam directamente seu bem-estar e transmitir aos mais jovens conhecimentos e habilidades.

Aproveitar as oportunidades para prestar serviços à comunidade, trabalhando como voluntário, de acordo com seus interesses e capacidades.

Poder formar movimentos ou associações de idosos.

ASSISTÊNCIA

Beneficiar-se da assistência e protecção da família e da comunidade, de acordo com os valores culturais da sociedade.

Ter acesso à assistência da saúde para manter ou adquirir o bem-estar físico, mental e emocional, prevenindo-se da incidência de doenças.

Ter acesso a meios apropriados de atenção institucional que lhe proporcionem protecção, reabilitação, estimulação mental e desenvolvimento social, em um ambiente humano e seguro.

Ter acesso a serviços sociais e jurídicos que lhe assegurem melhores níveis de autonomia, protecção e assistência

Desfrutar os direitos e liberdades fundamentais, quando residente em instituições que lhe proporcionem os cuidados necessários, respeitando-se sua dignidade, crença e intimidade. Deve desfrutar ainda o direito de tomar decisões quanto à assistência prestada pela instituição e à qualidade de sua vida.

AUTO-REALIZAÇÃO

Aproveitar as oportunidades para total desenvolvimento de suas potencialidades.

Ter acesso aos recursos educacionais, culturais, espirituais e de lazer da sociedade.

DIGNIDADE

Poder viver com dignidade e segurança, sem ser objecto de exploração e maus-tratos físicos e/ou mentais.

Ser tratado com justiça, independente da idade, sexo, raça, etnia, deficiências, condições económicas ou outros factores.